



Kófa ag JykRê

Aprendendo com os Anciões:

**Caderno de relatos pedagógicos
de professores Kaingang e Guarani
do Oeste de Santa Catarina**

Kófa ag Jykrê

Aprendendo com os Anciões

Caderno de relatos pedagógicos de
professores Kaingang e Guarani do
Oeste de Santa Catarina



Kófa ag JykRê

Aprendendo com os Anciões

Caderno de relatos pedagógicos de
professores Kaingang e Guarani do
Oeste de Santa Catarina

Organizadores

Maria Dorothea Post Darella

Luciana Fernandes da Silva

Juliana Akemi Andrade Okawati

Luana Máyra Silva

Carlos Maroto Guerola

Ana Claudia Colombera

Florianópolis 2018

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

K78 Kófa ag Jykre [recurso eletrônico] = Aprendendo com os anciões : caderno de relatos pedagógicos de professores Kaingang e Guarani do oeste de Santa Catarina / organizadores Maria Dorothea Post Darella [et al.]. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : [s.n.], 2018.
169 p.: il.

Textos em kaingang e português
Programa Ação Saberes Indígenas na Escola (SECADI/MEC)
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-45535-08-9
E-book (PDF)

1. Índios - Educação. 2. Professores indígenas - Formação. 3. Educação permanente. 4. Índios Kaingang. 5. Índios Guarani. I. Darella, Maria Dorothea Post. II. Título: Aprendendo com os anciões: cadernos de relatos pedagógicos de professores Kaingang e Guarani do oeste de Santa Catarina.

CDU: 37(=82:816.4)

Expediente

Coordenadora da ASIE Núcleo SC	Maria Dorothea Post Darella	Formadoras	Luana Silva Luciana Fernandes Juliana Okawati
Supervisores	Ana Claudia Colombera Carlos Maroto Guerola	Coordenador SED SC	Ramiro Marinho Costa
Projeto Gráfico e Diagramação	Tainá Dietrich Santiago da Fontoura		

Este livro é resultado do trabalho coletivo dos participantes das equipes Kaingang (1ª e 2ª edições) da Ação Saberes Indígenas na Escola em Santa Catarina e é, portanto, da autoria coletiva de professores Kaingang e Guarani do Oeste do Estado, cujo nomes elencamos a seguir:

Orientadores de estudo	Adroaldo Antonio Fidélis Ana Paula Narsizo Ari Neris Arnaldo Alves de Assis Cleia Salvador Creide Alípio Eva Feliciano Getúlio Narsizo Ivanir de Oliveira Janete de Paulo	Joaquina Jymi Fej da Silva Jorge Nascimento Josiana Gonçalves Levi Feliciano Luciano Fernandes Sirlei Alves de Assis Solange Refe Loureiro Valdemir Pinheiro Valmor Venhrá Mendes de Paula Vanda de Oliveira
Professores cursistas	Adair Correia da Silva Adair Pacífico Ademir Garcia Adilson Barbosa Adilson Floriano Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi* Adriana Ferreira da Cruz da Silva Milioransa Adriana Loureiro Rodrigues Adriane de Veiga Alcides Jacinto* Alcione Belino de Almeida Aldacir Valendorf de Almeida Aldecir Alípio dos Santos Alécio de Paula Alexandra Vãn Fej Paliano Alexandre da Veiga Altair Alves de Oliveira Altemiro Alves de Oliveira Ana Márcia Gonçalves Anderleia Aparecida Kegir Jacinto Anderson Vieira Andreia Francisco Angélica Nascimento Fernandes Anisia Fátima Magistralli Belino Antonio de Oliveira Arlson de Oliveira Belém* Armando Pinto Belarmino da Silva	Bernardo Rodrigues Bruna Laís Turra Carina Inácio* Catarina Roque Cátia Moreira* Celestiel Kri da Silva César dos Santos Charlene Lopes Charles Marcos Luiz Clair Roque Clarice Paliano Claudemir Pinheiro Cléverton Mendes Cristiane Noeli Pinheiro Lemes Cristiane Norberto Cristina de Fátima Silva Daiane Ribeiro Lemos Dalgir Pacífico* Daniel Cadete Daniel Scheren da Cruz Ederson Kofej Nascimento Edilvania de Paula dos Santos Edimara Alves Edite Mendes* Eliane Gaspar Alípio Eliel Inácio Elielson Belino Elinei Pedroso

Elisandra Pedroso
Elisane Ungrej Ferreira Doble
Elizangela dos Santos
Elizete Neris
Elizete Pedroso
Eloir Gonçalves
Ercílio Gaspar
Ezequiel da Silva
Ezoneide Alípio
Fabrizia Krig Paliano
Fátima Copatti Belino*
Felipe dos Santos*
Felipe Luiz Montemezzo
Geomir Fortes
Geovani Pinheiro
Géssica P. da Silva*
Geziane dos Santos
Gilmar Mendes dos Santos
Giova Inácio
Graciele Belino
Iara Campolim
Indiamara de Oliveira
Irene Antunes de Oliveira
Ivania Mendes
Izoleide Alípio
Jairo Narcizo
Jaison Ferreira
Janete da Veiga
Janete Ferreira
Janice Domingos
Jeciane Alves de Oliveira
Jeferson Mytanh Nascimento
Jéssica Aparecida Rodrigues
João Batista Antunes
João Carlos dos Santos
João Maria Pinheiro
Jocemar Kovenh Garcia
Joel de Oliveira*
Joice Paliano
Jonatas de Oliveira
Jubis Nascimento Fernandes
Juciane Pinheiro
Jucimara Gonçalves
Juliana Teresinha de Oliveira
Jurema de Fátima de Oliveira
Jussara de Oliveira Belém
Jussara Lopes
Juvenal Norigga Mendes
Laudineia Tanh Kanhero dos Santos
Leci Pinheiro
Lenir Pinheiro
Librantina Belino
Lirio Cassol
Lirio Costa dos Santos

Loreni Nojrig Paulo
Lucas Antônio Junior Antunes de Lima
Lucas Garcia*
Luiz de Paulo
Márcia Campos Novos Rodrigues
Márcio Pinheiro
Marcos Roberto Fernandes
Maria Santina de Oliveira
Maria Santina de Paulo
Mariane de Almeida Paulino
Marilde Luiz
Mário Antunes
Marizete Antunes
Marizete da Veiga
Maura Fumagalli
Michele de Carvalho dos Santos Borba
Mirian Antunes
Moacir Francisco
Nilson Belino
Nilton Belino
Odair Victor dos Santos
Paulo Márcio Pinheiro
Pedro Alves de Assis
Pedro de Oliveira
Priscila Neris
Quezia Ferreira dos Santos*
Raquel Roque
Rodrigo S. da Rocha*
Ronelsson Luiz
Rosane da Silva
Roseni dos Santos
Rosilei Barbosa
Rute Barbosa de Paula
Sanara Mefej Salvador
Sandra de Oliveira
Sandra de Paula
Sandro Alves da Silva
Santa Maria Antunes
Silmara dos Santos
Silvones Karai Martins
Simone Tomas
Simoni Fernandes
Sirlene Jagneri Neris
Sonia da Luz Oliveira Borges
Sonia Mara Luiz
Suzana Neres
Terezinha Guerreiro Ercigo
Valdecir Aires Paulo
Valdelir Pinheiro
Valdir Belino
Valéria Feliciano da Silva
Vanisse Domingos
Volmir Palhano

Obs. (*) Cursistas Voluntários

SUMÁRIO

II APRESENTAÇÃO

13 Relatos Pedagógicos Agrupados por Temas

15 HISTÓRIAS DE VIDA

16 Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê e
Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho

24 ERVAS MEDICINAIS

25 Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê e
Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho

40 Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê

55 Pré-Escolar Pequeno Príncipe

57 Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho

60 Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro

62 Escola Indígena de Educação Fundamental Limeira

66 ARTESANATOS

68 Escola Indígena de Ensino Fundamental Sãpe Ty Kó

71 Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Pirã

74 Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro

78 Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro

- 85 Escola Indígena de Ensino Fundamental Guarani
- 92 Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê
- 105 Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen nó

110 ALIMENTAÇÃO KAIINGANG

- 112 Escola Indígena de Ensino Fundamental Sãpe Ty Kó
- 114 Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Karenh
- 124 Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro
- 132 Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro
- 134 Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê
- 146 Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen nó

152 CONTOS, CRENÇAS E LENDAS KAIINGANG

- 154 Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Pirã

Apresentação

Este material complementa o livro *Kófa ag Jykre (Aprendendo com os Anciões)*, com o objetivo de apresentar os trabalhos realizados em sala de aula pelos professores cursistas e orientadores de estudo Kaingang e Guarani que atuaram, no âmbito das Terras Indígenas do Oeste Catarinense, na Ação Saberes Indígenas na Escola – Núcleo Santa Catarina** nas duas edições realizadas entre os anos 2015 a 2017. Participaram desse projeto professores indígenas e não indígenas de todas as escolas situadas nas Terras Indígenas (TIs) do Oeste: Xapecó (somadas as glebas Pinhalzinho e Canhadão), Kondá, Toldo Chimbanguê I e II, Toldo Imbu e Toldo Pinhal.

** A Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo SC (ASIE SC) integra a Rede Sul-Sudeste (MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS) e efetiva trabalho de formação continuada com professores indígenas das três etnias presentes no estado, Guarani, Kaingang e Laklãnô-Xokleng, de Terras Indígenas situadas em variados municípios, cujas escolas estão vinculadas à Secretaria de Estado da Educação (SED SC). Trata-se de programa de alçada federal instituído pela Portaria nº 1.061, de 30.10.2013 e regulamentado pela Portaria nº 98, de 06.12.2013 (Secadi/MEC).

A proposta deste material é servir como instrumento de apoio e inspiração didática para os professores que se disponham a trabalhar os saberes indígenas numa perspectiva escolar. Os trabalhos e projetos apresentados foram realizados com turmas diversas, desde a educação infantil até o ensino médio, permeando a pluralidade das disciplinas incluídas na grade escolar.

O processo de planejamento e construção dos projetos iniciou com a procura pelos *kófas* e *xeramõi* (mais velhos, anciões, sábios, avós, nas línguas Kaingang e Guarani, respectivamente) das comunidades, reconhecidos como a fonte do saber tradicional e ancestral. A participação e envolvimento desses atores é presente em todos os projetos, que se agrupam em torno de diversos eixos temáticos, tais como histórias de vida, ervas medicinais, artesanatos, alimentação, sustentabilidade e contos, crenças e lendas. É importante apontar que, apesar de projetos distintos terem sido traçados, as temáticas conversam entre si, se complementam e se entrecruzam.

A autoria desse trabalho realizado nas escolas é coletiva e respeita a diversidade e especificidade de cada Terra Indígena, o que se reflete também no uso de diferentes variedades da língua materna. É notório que os Kaingang movimentam-se por todo o seu território tradicional, que as famílias estão se deslocando constantemente e estabelecendo uma grande rede de parentesco e relações de trocas.

A cosmologia Kaingang parte da história originária do seu povo de acordo com o sistema dualista e patrilinear kamé e kanhru, irmãos gêmeos ancestrais considerados metades “exogâmicas, complementares e assimétricas” (ROSA e NUNES, 2013, p. 92). Esses irmãos mitológicos povoaram a terra juntamente com os Kaingang, logo, um Kaingang pode ser pertencente à metade kamé ou à metade kanhru. Esse aspecto sociocultural aparece em todas as temáticas abordadas, tanto no relacionado a seu conteúdo histórico quanto à presença dos símbolos que representam essas metades e ilustram diversos trabalhos; expressa-se no grafismo do artesanato e está presente nas pinturas corporais, remetendo a noções de identidade, pertencimento e organização social (ROSA e NUNES, 2013; ROCHA, 2005).

É importante lembrar que, mesmo entre os Kaingang de uma mesma Terra Indígena, observam-se reinterpretações dessa concepção e a própria história do povo possui outras vertentes, reconhecidas em discussões entre as equipes de professores.

Este foi o resultado do empenho das equipes de professores cursistas e orientadores de estudo, que contou com a participação dos *kófas* e dos *xeramõi*, e o envolvimento da comunidade escolar e das famílias indígenas. Ele abarca o conhecimento ancestral dialogando com os desafios para a efetivação de uma educação escolar indígena específica Kaingang e Guarani, tentando se aproximar da concepção de aprendizado tradicional, no mato, com base na oralidade.

** Mais informação sobre o dualismo kamé e kahru e outros elementos da cosmologia Kaingang pode ser encontrada nas seguintes referências bibliográficas:

ROCHA, C. C. da. Adoecer e curar: processos da sociabilidade kaingang. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

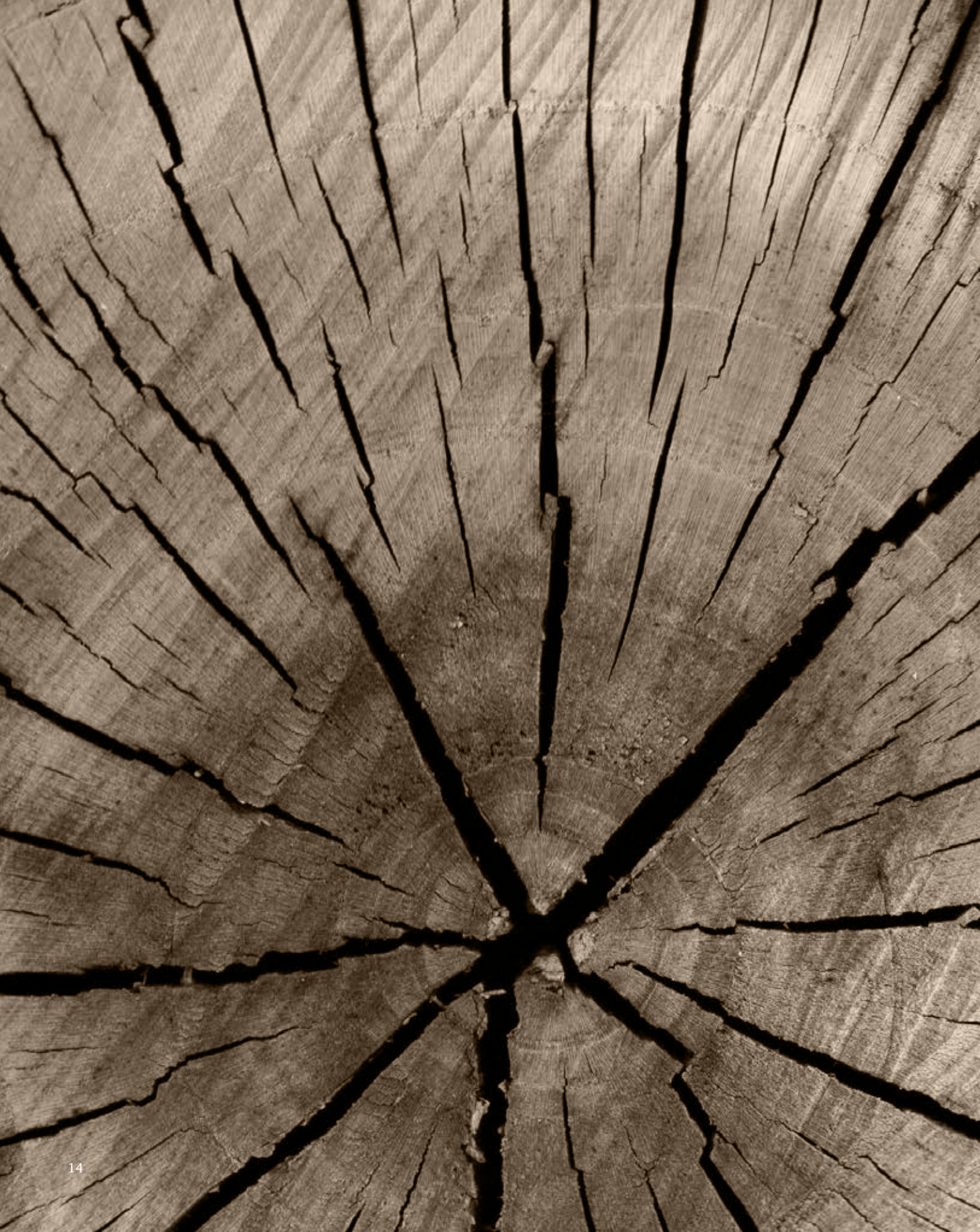
ROSA, R. R. G. da; NUNES, R. B. Educação Escolar Indígena e/ou Educação Indígena: Questões e possibilidades para “kainganguizar” a escola. Século XXI – Revista de Ciências Sociais, v. 3, n. 1, p. 88-119, 2013.



ORGANIZAÇÃO

Relatos pedagógicos agrupados por temas

Os relatos dos projetos pedagógicos desenvolvidos pelas diferentes escolas aparecem agrupados a seguir por temas norteadores, em primeiro lugar, e por escola, em segundo. Dentro de cada relato, por vezes, encontram-se pequenos sub-relatos associados à experiência de professores e/ou turmas específicas, no intuito de registrar a diversidade de formas de se trabalhar os saberes indígenas nas escolas Kaingang e Guarani do Oeste Catarinense.



HISTÓRIAS DE VIDA

As histórias de vida dos mais velhos inspiraram alunos e professores a escreverem as biografias que compõem o livro *Kófa ag Jykre (Aprendendo com os Anciões)*. Foram realizadas diversas entrevistas nas quais os anciões contaram a história da comunidade, narraram as dificuldades enfrentadas na luta pelas terras indígenas e compartilharam seus saberes sobre a cultura Kaingang e Guarani.

Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê e Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho



Orientadora: Ana Paula Narsizo.

Equipe de professores: Alcione Belino de Almeida, Aldacir Valendorf, Adair Correia da Silva, Cristiane Norberto, Graciele Belino, Giovã Inácio, Jaison Ferreira, Lucivania Batista, Roseni dos Santos, Priscila Neris, Sandra Tomas.

Objetivo: Possibilitar aos educandos o conhecimento, a valorização e o respeito aos mais velhos através da história oral.

Observação: Os objetivos específicos, vinculados com o objetivo geral, foram elaborados para cada plano de aula.

Metodologia: Este trabalho foi desenvolvido a partir de encontros com as pessoas mais velhas e com professores da comunidade da Terra Indígena Xapecó. O objeto de estudo foi a valorização da cultura e a manutenção da identidade Kaingang por meio da história oral, expressada pelas pessoas mais velhas da comunidade. Para desenvolver esta pesquisa foi utilizado o empirismo, com uso de questionário aplicado com os mais velhos e acento na oralidade, com o objetivo de diagnosticar a realidade, buscando respostas individuais abertas, claras e conscientes.

Nesse método também foi levada em consideração a entrevista, de modo a incentivar um diálogo flexível com as pessoas mais velhas da comunidade. Este método foi utilizado para a coleta de dados, a análise e a busca de melhor entendimento da história de vida das pessoas mais velhas. As questões para as entrevistas foram:

Como é seu nome?

Possui nome em Kaingang? Qual seu significado?

Data e local de nascimento.

Filiação.

Participação no Kiki?

Participação na liderança?

*Como é de fato sua vida na comunidade?
Que papel assume na história da comunidade?
Outras perguntas relacionadas a lembranças e memória do ancião.*

Atividades desenvolvidas na EIEB Cacique Vanhkrê: Saídas de campo com alunos de 5º ano e alunos do Programa de Novas Oportunidades de Aprendizagem (PNOA)

1º momento: Juntamente com a coordenadora, fomos na casa dos velhos pedir permissão para fazer as entrevistas e fazer o agendamento com os mesmos. Num primeiro momento, visitamos os *kofá* Onofre Correia da Silva, Avelino Alípio Fongrê, Maria da Luz de Oliveira, Trindade Barbosa, Vitor Palhano, Edimundo Gonçalves e Deolinda Assis Gĩg So, na sede da TI Xapecó.

2º momento: Juntamente com os alunos, com os demais professores (Alcione Valendorf de Almeida, Aldacir Valendorf de Almeida, Giovã Inácio, Graciele Belino, Jaison Ferreira e Roseni dos Santos) e a orientadora Ana Paula Narsizo, fomos até suas respectivas casas entrevistá-los, ouvir e registrar um pouco de suas histórias de vida, tentando saber qual foi ou é a sua contribuição na comunidade.

3º momento: Já em sala de aula, cada professor, com a turma que escolheu para desenvolver o projeto, fez a produção do material a partir dos relatos dos mais velhos: livrinhos, histórias em quadrinhos, desenhos, textos e paródias.

4º momento: Os velhos foram para a escola e os reunimos com as turmas escolhidas para uma atividade de contação de histórias e experiências de vida. Os relatos contados pelos mais velhos foram registrados pelos alunos para, em seguida, fazerem a produção de alguns materiais.

5º momento: De novo a sós com a sua respectiva turma, cada professor iniciou as atividades de elaboração dos materiais, sendo que a turma do PNOA produziu livrinhos com histórias de vida dos mais velhos, desenhos e relatos sobre comidas e remédios; os alunos da turma de 3º e 5º ano trabalharam na construção de frases, na elaboração de desenhos e na produção de livrinhos relatando as histórias contadas pelos mais velhos; por sua vez, a turma de 3ª série do ensino médio elaborou um texto e produziu uma paródia sobre a valorização e a importância do mais velho na comunidade.

Estas foram as histórias de vida registradas:

NOFRE CORREIA DA SILVA



Aula com o Sr. Nofre Correia da Silva

- ↘ Benzedor
- ↘ Nome indígena: *Kenhkemẽ*
- ↘ Pertence à metade *Kanhrũ*
- ↘ Tem 75 anos de idade
- ↘ Tem 3 filhos
- ↘ Filho de Augusto Correia e Gomercinda Correia
- ↘ Participou de todos os *Kiki*
- ↘ Relatou sobre a participação de seu pai como liderança na época dos maiores
- ↘ Falante da língua Kaingang

“A escola era de folha de palmeira e escrevíamos com carvão que a professora apontava para nós fazer desenhos, e aprender... Falávamos somente o Kaingang...!”

EDIMUNDO GONÇALVES



Aula com o Sr. Edimundo Gonçalves

- ↘ Agricultor
- ↘ 75 anos de idade
- ↘ 16 filhos, com duas mulheres
- ↘ Nome indígena: *Ka Tanh*
- ↘ Filho de Antonio Manoel Gonçalves e Elizias Maria Narciso
- ↘ Ajudou na liderança por dez anos

“Desde que nasci, morei aqui e vi todas as mudanças que ocorreram e aqui havia muitas matas e caça. Lembro como se fosse hoje. Havia várias antas, pois aqui era o paço das antas, mas aí começaram a destruir tudo...”

MARIA DA LUZ DE OLIVEIRA



Aula com a Sra. Maria da Luz de Oliveira

- ↘ Nome em Kaingang: *Ferñja*
- ↘ É da metade *kamẽ*
- ↘ É falante da língua Kaingang
- ↘ Tem 78 anos de idade
- ↘ Tem 2 filhos
- ↘ Filha de Antonio de Oliveira e Marbina Alves
- ↘ Participou do *Kiki*

“Não estudei quando era pequena, pois meu pai disse que era somente para meus irmãos que sabiam se defender. Era muito longe para vir estudar, e naquele tempo nosso, não era misturado menina com menino, cada um de cada lado, e na escola os professor branco só ensinavam o português, e era bem diferente de hoje...”

Atividades desenvolvidas na EIEF Pinhalzinho:

1º momento: Os professores e a orientadora foram à casa da anciã convidá-la para ir à escola fazer a contação de histórias e relatos sobre experiências vividas ao longo de sua trajetória.


2º momento: Já em visita à escola, a anciã relatou para a turma escolhida pelos professores suas histórias e experiências de vida, assim como sua contribuição para a comunidade. Nesse momento, os alunos fizeram o registro das histórias contadas pela anciã.

3º momento: Deu-se início, pelos alunos, à produção do material a partir da contação de histórias e relatos de experiência de vida.

4º momento: Foram produzidos e apresentados desenhos, livrinhos e textos transcrevendo as histórias contadas pela anciã.







ERVAS MEDICINAIS

ERVAS MEDICINAIS

O uso de plantas medicinais ocorre desde o passado, há mais de mil e quinhentos anos, o que significa dizer que sua presença em nossa sociedade não é simples nem recente. Não só existem variados tipos de plantas como também são diferentes os efeitos por elas produzidos. Falar dos remédios para o povo Kaingang é muito importante, pois ainda existem famílias que preservam o costume e têm para si a fé na cura, com crenças a respeito das doenças que cabe aos diversos profissionais de saúde respeitar.

Historicamente as ervas são parte integrante da cultura indígena. O trabalho com as ervas é uma atividade de caráter familiar que abarca todas as etapas da produção, desde a coleta da erva até a produção do remédio. Nessa atividade se destaca a habilidade do saber tradicional, passado de geração em geração durante conversas familiares: de pais para filhos, de avós para os netos etc.

A aplicação e utilidade das ervas e remédios respondem às necessidades cotidianas e domésticas: os remédios feitos com as ervas medicinais propriamente Kaingang estão sempre associados com a cultura.

Fez-se necessário, portanto, uma educação para a divulgação, o conhecimento e a apreciação das plantas para todos (alunos, pais e professores, enfim, toda a comunidade), sobre os efeitos e consequências do seu uso no dia a dia. O desafio deste projeto foi a luta pela valorização da vida, da cultura das plantas medicinais como um bem social a serviço da construção de uma sociedade mais digna e fraterna.

Vivemos em tempos terríveis. Entre os males que assolam a sociedade estão as drogas ou as doenças, mazelas que atingem toda a humanidade. Através do estudo e do conhecimento, alunos, pais e professores passaram a usar com mais frequência as plantas na busca de benefícios para sua saúde.



**Ilustração da
aluna Geraci,
do 5º ano 1**

Foram muitos os motivos que nos levaram a trabalhar o tema com as crianças e adolescentes na escola, dentre eles o objetivo de formar cidadãos conscientes e defensores da identidade indígena, dos valores culturais e dos conhecimentos do patrimônio material e imaterial do povo Kaingang.



Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê e Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho

Orientador: Arnaldo Alves de Assis

Equipe de professores: Anísia de F. M. Belino, Eliane Gaspar, Ercílio Gaspar, Lenir, Pinheiro, Marcos R. Fernandes, Nilton Belino, Pedro Alves de Assis, Rute Barbosa de Paula, Valdir Belino, Valéria Feliciano, Ronelsson Luiz e Daniel Alípio.

Público alvo: Professores e alunos da EIEB Cacique Vanhkrê, do 5º ano 1 (período matutino), 8º ano 2 (período matutino), 3º ano 1 do Ensino Médio (período noturno) e os alunos do 1º, 3º, 4º e 5º ano da EIEF Pinhalzinho e comunidade da Terra Indígena.

Objetivo geral: Valorização dos nossos antepassados e do seu conhecimento sobre plantio e manipulação de ervas medicinais e sobre a preparação de cada tipo de medicamento, conscientizando os educandos sobre a importância do fortalecimento da cultura e do registro do conhecimento sobre as ervas medicinais que existem na mata e algumas vezes são plantadas nas hortas, que sempre foram utilizadas pelo povo Kaingang.

Objetivos específicos:

- Conhecer em que situações podem ser usadas as ervas medicinais.
- Pesquisar junto aos anciões da comunidade que ainda utilizam os chás como tratamento e prevenção de algumas doenças.
- Valorizar os saberes socioculturais relativos às ervas medicinais,

um dos meios de subsistência de todo o nosso povo indígena, motivando os alunos a conhecerem e usarem as ervas medicinais.

- Incentivar os mais jovens a que preservem, cultivem e registrem os conhecimentos medicinais tradicionais do povo Kaingang.
- Mostrar as diferentes espécies de plantas ainda existentes em nossa comunidade.
- Pesquisar sobre as ervas medicinais através dos relatos orais de experiências dos mais velhos.
- Reconhecer e valorizar as ervas medicinais para a manutenção cultural.
- Ter consciência da importância das ervas medicinais para o nosso povo.
- Colaborar para a valorização e o aproveitamento das ervas medicinais.
- Promover o reconhecimento das ervas medicinais através do olfato, tato, paladar e visão.

Justificativa: Este projeto foi desenvolvido devido à necessidade de todos conhecerem as ervas medicinais e seus usos, pois fazem parte dos costumes tradicionais do nosso povo Kaingang da Terra Indígena Xaçupé. Com o passar dos anos, as ervas medicinais dos povos indígenas foram sendo esquecidas e deixadas de lado, com a população se apropriando de medicamentos prescritos por médicos. Através deste trabalho, ganhamos melhor conhecimento sobre as ervas medicinais e pudemos compilar conhecimentos tradicionais, considerando que hoje a realidade é totalmente diferente devido ao grande avanço científico. Os alunos e a comunidade foram os mais beneficiados com este trabalho.

Metodologia:

O trabalho foi desenvolvido a partir das seguintes atividades.

- Apresentação do histórico das ervas medicinais no âmbito do povo Kaingang.
- Pesquisa com a família ou pessoas da comunidade sobre as ervas medicinais.
- Pesquisa de campo dos alunos para a identificação das ervas medicinais Kaingang.



- Visita à horta comunitária de ervas medicinais situada na aldeia Paiol de Barro.
- Palestras referentes às ervas medicinais realizadas pelos sábios da comunidade.
- Atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula, como montagem de painéis sobre as ervas medicinais.
- Exposição organizada pelos alunos e sábios da comunidade sobre ervas medicinais, para que pessoas da comunidade pudessem conhecer mais sobre os remédios elaborados.
- Desenhos referentes às ervas medicinais.
- Elaboração de chás, identificando aroma, textura da planta e gosto.
- Atividades em língua Kaingang na oralidade sobre as ervas medicinais.
- Conhecimento de vários tipos de ervas medicinais em Kaingang.
- Produção de desenhos e cartazes em Kaingang.
- Produção de frases em português e em Kaingang sobre as ervas medicinais.
- Pesquisa com anciões da comunidade.
- Produção de textos.
- Confecção de livrinhos e receitas de chás.
- Realização de paródias e teatro.
- Plantação de ervas medicinais em horta da escola.

Principais resultados esperados:

- Exposição das ervas medicinais.
- Palestras.
- DVDs com vídeos referentes ao tema.
- Trabalhos em grupo e individuais.
- Pesquisas na internet com os alunos.
- Leituras referentes ao tema.

- Folders produzidos pelos próprios alunos.
- Produção de frases das pesquisas realizadas em campo.
- Produção de textos a partir do tema trabalhado.
- Produção de cartazes demonstrando variedades de ervas medicinais existentes na comunidade.
- Plantio de ervas medicinais pelos alunos na horta da escola.
- Produção dos remédios com auxílio de um fitoterapeuta.

Relato de atividades (01):



Alunos do 5º ano 3 da EIEB Cacique Vanhkrê durante desenvolvimento de atividades da ASIE-SC



Alunos do 8º ano 2 da EIEB Cacique Vanhkrê durante desenvolvimento de atividades da ASIE-SC

No dia 06 de outubro de 2015, fomos até a aldeia Paiol de Barro visitar a horta medicinal comunitária com os alunos do 5º ano 1, do professor Valdir Belino, e do 3º ano 1 do ensino médio, com o professor Nilton Belino. Também a professora Valéria Feliciano levou para essa visita o aluno Mizael Inácio, que se juntou aos demais alunos. Fomos recebidos pela senhora Sirlei de Oliveira Roque, responsável pelo projeto da horta medicinal da comunidade.



Exposição no horto com a profissional de fitoterapia

Foi muito proveitosa a visita à horta medicinal: os alunos fizeram muitas perguntas e adquiriram variados conhecimentos. Na oportunidade mostramos aos educandos a importância de cultivar essas ervas medicinais.

Foram desenvolvidos diversos tipos de trabalhos que exigiram muito empenho de cada um para assimilar aquilo que foi ensinado pelos professores. Foram realizados trabalhos com desenhos, textos e frases, em forma de livros, cartazes e panfletos. Também fora da sala de aula foram feitas algumas caminhadas na comunidade para ver de perto a escassez das ervas medicinais.

No dia 20 de outubro de 2015 fomos visitar o senhor Loreni Nokrig Paulo, que falou para nós das ervas medicinais, sua importância e uso.



Atividades realizadas fora da sala de aula



Alunos em sala de aula em atividades referentes ao trabalho de campo: redigindo textos e cartazes sobre ervas medicinais



CIDREIRA

Serve Para: combater a hipertensão

MODO DE PREPARO:

Colocar três folhas em um copo de alumínio e colocar água quente e tampar, não ferver, e adoçar com açúcar a gosto.



MARCELA

Serve Para: Os Nódos do fígado

MODO DE PREPARO:

Colocar a marcela em uma xícara e colocar água quente e tampar.

MODO DE USAR:

tomar duas vezes ao dia manhã e noite.



CANCEROSA

COMO PREPARO: FERVE AS SUAS FOLHAS COM UM POUCO DE ÁGUA PARA QUE SERVE PARA DOR NO ESTOMAGO

Fimoco



ORTELÃ

Serve Para: combater os vermes

MODO DE PREPARO:

fazer um chá e não é necessário adoçar

MODO DE USAR:

uma colher de chá três vezes ao dia manhã, tarde e noite.

MACANIÁ



É bom para FAZER AGUA PARA AUMENTAR o TAMBÉM com a MACANIÁ A GENTE VÁRIOS PODE FAZER VÁRIOS ACHES DIAS

HORTELA

É bom PARA COMBATE AOS VERMES



PRESERVE A NATA PEZA E TAMBÉM AS ERVAS MEDICINAIS



Plantio de ervas medicinais

Importância das plantas medicinais

A importância das ervas medicinais, cada erva tem uma importância, um efeito, um jeito de fazer por isso devemos buscar conhecimento com pessoas mais velhas que saibam a importância de cada medicamento, de cada erva. É importante usar mais nessas ervas pois tem mais efeitos e é mais rico. Devemos lembrar como nossas antepassadas faziam chás, e não era uso dos medicamentos industrializados, somente chás feitos com ervas colhidas na hora, é importante procurar as pessoas certas para fazer os chás pois é preciso que você explique a doença onde daí para que a remedia que é feita possa curar. Cada pessoa tem um jeito uma maneira diferente de colher e fazer chás, pois tem ervas que só é usada chás outras para lavar ferimentos e outras se serve como emplastro é amassada e colocada no local tem umas que só pode ser feito por mulher, outras que só os pais podem fazer, pois cada um tem um jeito uma maneira diferente de usar e de fazer. Também é importante lembrar que ainda existe pessoas que tem capacidade de ensinar os mais novos a importância de usar nessas ervas.

E.I. B. Cacique Vankwe

Dir: Anzia F. M. Belino

Prof: Valdir Belino

Aluna: Kaua Karai Pilantir

Serie: 5ª ano 1

Data 21/10/2013

Graciele

IMPORTÂNCIA DAS ERVAS MEDICINAIS

As ervas medicinais são muito importantes para nossa saúde mas nem todos podem usar algumas podem matar, essas plantas são as tóxicas.

Então use as ervas medicinais porque é um modo de você economizar seu dinheiro porque quando você vai no mato você não precisa comprar as ervas medicinais.

As índias também conheciam uma grande variedade de venenos que podiam matar e de todo mundo conduzem pesquisas a partir de plantas ainda usada pelos índios.

Seu uso e aprova então você pode usar também.

NOME: Graciele


PROF: Valdir

SERIE: 5º ANO 1

DATA: 21-10-2015

DIRETORA: Anisia F.M Belino

Trabalho da aluna Graciele, do 5º ano 1



Relato de atividades (02): No dia 10 de agosto de 2015 foi apresentado o projeto sobre os Saberes Indígenas para o 8º ano no período matutino. Foi feita a seguinte pergunta: Quais as ervas medicinais que existem na Terra Indígena Xaçecó? Os alunos responderam marcela, manjerona, arruda, cidreira, carqueja, guiné e os chás que são feitos com a casca de jabuticaba. Também foi feita uma atividade que possibilitou descobrir que são poucos os que usam as ervas como remédios hoje.

No dia 19 de outubro de 2015 realizamos uma saída de campo com o 8º ano: fomos para a horta medicinal, onde a dona Sirlei Roque mostrou vários tipos de ervas medicinais que são ali cultivadas, tais como hortelã, alecrim, milho (que também é um remédio para a gripe), catinga de mulata (que agora é chamada também de cheiro de mulata) ou louro. Na volta, em sala de aula, produzimos pequenos livros para auxiliar os alunos a memorizar os tipos de remédio e os valorizar, já que eram bastante usados no passado. Também marcamos os seus nomes na língua Kaingang, para ser uma fonte da sabedoria sobre os remédios. Foram produzidos textos em português e em Kaingang sobre a utilidade de cada remédio. Foram feitos desenhos. Fomos a campo observar alguns remédios específicos da comunidade com o objetivo de possibilitar que os alunos conhecessem esses remédios e seus usos, e que aprendessem a cultivá-los.

Nos dias 27 e 28 de novembro de 2015 foram feitos cartazes para exposição na escola, mostrando remédios como cidreira, marcela, guiné, casca de laranja e de jabuticaba. Foram redigidos textos e frases em língua Kaingang explicando para que servem as ervas medicinais e quais são as suas características. O objetivo era mostrar aos colegas a importância dos remédios e seus efeitos, bem como suas características, formato e cor.

No dia 28 de novembro de 2015, depois de realizadas as atividades, procuramos saber mais sobre outros tipos de remédios existentes (como o ipê, a pata de vaca ou a cânfora) e os diferentes conhecimentos do aluno. Desenhamos os tipos de remédios dos não índios e os remédios indígenas nos cartazes com nomes em Kaingang. O objetivo dessa atividade era diferenciar o remédio do índio e do não índio, além de conhecer como cada aplicação funciona (se é através de colher ou de seringa, se se faz chá para tomar ou só para passar numa ferida para cicatrizar etc.)

Mossanic

chupa-d'álce michelly 8ºA1

Almoço Carqueja 111

A importância da alimentação
 A alimentação é muito importante para
 o corpo humano. Ela fornece a energia
 necessária para o funcionamento do corpo.
 É importante escolher alimentos saudáveis
 e variados. Além disso, é importante
 comer em horários regulares e mastigar
 bem os alimentos. A alimentação
 também influencia a saúde mental.
 Uma alimentação saudável pode ajudar
 a prevenir doenças e a manter o corpo
 saudável. É importante beber bastante
 água e fazer exercícios físicos.

marcelanê

Aluna: Sunitiane
 Série: 8º ano!
 Prof: Marcos Fernandes

Mã fãr

Mã fãr vỹ há mĩg kaga nĩ mã
 fãr tỹ vẽnhkagta vỹ tỹ dahn nĩ
 fãr vỹ tỹ mĩnh kũ vỹ tỹ
 kũm kũsa vỹ

A Jabuticaba

A casa é bom para dor de
 barriga. A casa da jabuticaba
 é remédio para adulto ferver a
 água com a casa e tomar.

Carqueja vỹ

carqueja vỹ vỹ vẽnhkagta tỹ
 há nĩ. tỹ kũfan tỹ fi vỹ tỹ
 vỹ kegẽ nĩ.

A carqueja

A carqueja é o remédio bom
 para emagrecer a mulher e o
 homem também.

Vẽnhkagta

Ag

Alunos: Leticia, Juliana e Isadora.
 Série: 8º ano
 Data: 20/03/2023
 Gr: Maria

Mã

Mã vỹ kũfan tỹ pĩ carqueja tỹ
 pĩ ag kũmĩnãm. tỹ fãsa indĩgĩa
 xagẽ tỹ mã tỹ fãr tỹ vỹ ja tỹ
 vẽnhkagta tỹ mĩg kaga tỹ saãm nĩ.

A Jabuticaba

A jabuticaba é uma fruta origi-
 naria de algumas comunidades da terra
 indígena xapetã.
 A casa da jabuticaba é feito o
 remédio para o dor de barriga
 do adulto.

Hum vỹ

Hum vỹ mĩ há vẽnhkagta pĩ
 vỹ tỹ pĩ tỹ mĩnh gũ tỹ kũm.
 kũr jỹntỹ kũpẽ tỹ vẽnhkagta.

O quĩnẽ

O quĩnẽ é um remédio muito
 bom para a dor de dente, ferver a
 água com quĩnẽ e depois lavar a
 boca com o remédio.

Trabalhos realizados
 pelos alunos do 8º ano
 EIEB Cacique Vanhkêrê

Relato de atividades (03): No dia 28 de setembro de 2015 iniciamos o projeto sobre ervas medicinais. As atividades foram sequenciadas, conforme exposto a seguir:

1º momento: Exposição do assunto aos alunos, explicando o que são ervas medicinais e suas finalidades.

2º momento: Socialização sobre ervas em sala de aula e anotação no quadro, visando a pesquisa dos alunos.

3º momento: Trabalho com os alunos na sala de informática para pesquisa sobre as plantas.

4º momento: No dia 30 de setembro de 2015 ocorreu palestra com uma anciã que esclareceu melhor as dúvidas dos alunos.

5º momento: Produção de livrinhos sobre ervas medicinais e produção de jogo da memória sobre as ervas medicinais com os alunos (organização da turma em grupos de quatro componentes).

6º momento: No dia 20 de outubro de 2015 visitamos a horta medicinal no posto de saúde da comunidade, trabalhamos nela com o acompanhamento de uma pessoa com conhecimento na área. No dia 21 de outubro de 2015, finalizamos o jogo da memória sobre as ervas medicinais e visitamos a horta medicinal da comunidade Paiol de Barro. Finalmente, fizemos a degustação de chás na escola: os chás ficaram expostos na escola durante o dia todo. O preparo dos chás foi feito por uma pessoa da comunidade que tem mais experiência em relação ao assunto.



Trabalhos dos alunos da Escola Paiol de Barro



Trabalho dos alunos das séries finais do ensino fundamental da EIEB Cacique Vanhkrê



Sabendo que o tema é razão de grande preocupação em nossa comunidade, nosso objetivo principal foi conscientizar nossos alunos a respeito da importância de preservar as matas onde estão as ervas medicinais e de cultivar as hortas medicinais.

Com a execução deste projeto pudemos perceber algumas dificuldades dos alunos, pois cada um possui hábitos diferentes e alguns não costumam usar ervas medicinais como medicamentos. Com muito empenho pudemos esclarecer a respeito da importância de usar esses tipos de medicamentos naturais e, simultaneamente, o fato de nem tudo dever ser usado como medicamento.

Por fim, fizemos algumas exposições de todo o material produzido com nossos alunos para uma possível encadernação como material pedagógico. Podemos dizer que este projeto foi concluído com muita dificuldade e muito esforço e para nós ficou bem claro que a questão das ervas medicinais sempre vai continuar em nossa comunidade. Este é um desafio que nós educadores vamos enfrentar na comunidade, por nossas matas estarem praticamente destruídas, o que está acabando com algumas das nossas ervas de uso tradicional.



Exposição dos alunos da EIEB Cacique Vanhkrê

Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê



Orientador: Valdemir Pinheiro

Equipe de professores: Jonatas de Oliveira, Librantina Belino, Moacir Francisco, Odiel Paulino, Luciano Fernandes.

Objetivo Geral: Levar ao conhecimento dos alunos a importância das ervas medicinais Kaingang nas comunidades da Terra Indígena Xaçepó.

Objetivo Específico: Mostrar para os alunos os efeitos de cada erva e o seu uso para as diversas doenças em crianças e pessoas adultas.

Relato de atividades (01): As atividades foram realizadas em diversas disciplinas com turmas do 4º ano.

1ª etapa: No dia 30 de setembro de 2015 foi feita uma visita da *kujá* Matilde Koito no 4º ano, na turma dos professores Librantina Belino (professora regente) e Valdemir Pinheiro (segundo professor). A senhora Matilde Koito trouxe algumas ervas para os alunos. Essa foi uma oportunidade em que eles puderam sentir o aroma de cada planta, tocando nas folhas para sentir a textura. Dona Matilde também falou do respeito que devemos ter com qualquer tipo de planta. As plantas por ela trazidas foram, dentre outras, guanxuma, guabiroba, masania, boldo e sete sangrias. Dona Matilde disse assim: “Não é qualquer pessoa para fazer o remédio, ela deve estar preparada e deve ter a permissão de Deus, pedir para Deus para usar o remédio. Poucas pessoas indígenas procuram, nós devemos valorizar cada vez mais os remédios caseiros.” Depois, junto com a professora Librantina, os alunos elaboraram algumas perguntas para a senhora Matilde Koito, tais como: “Quem deve trabalhar com plantas medicinais ou remédio do mato?” ou “Como os conhecimentos das ervas medicinais são transmitidos?”. A senhora Matilde se sentiu muito à vontade diante da classe, sugeriu para os alunos que a auxilhassem e o tempo todo cobrava a atenção dos alunos.

A partir da palestra com a senhora Matilde, os alunos elaboraram frases com o nome das plantas. Seguem alguns exemplos: “O fumo branco é muito bom, pois serve para matar berne”; “O vacum é re-





médio para emagrecer”; “A erva de tucano serve para juntar leite nos seios da mamãe”; “O cipó dos mortos é bom para quebradura.”

2ª etapa: No dia 01 de outubro fizemos uma aula de campo na mata perto da EIEB Cacique Vanhkrê junto com a senhora Matilde e os alunos do 4º ano. Na ocasião, ela explicou a importância das ervas e plantas medicinais da cultura Kaingang. Ela colheu algumas ervas e explicou a importância de cada uma. Mencionou algumas plantas, dentre elas, a folha gorda. Mostrando-a para os alunos, explicava a serventia da folha gorda, que é usada para tratar feridas no corpo. Dona Matilde caminhava vagarosamente e, muita atenta às plantas, ia identificando cada uma delas e explicando para que servem, enquanto os alunos iam anotando em seus cadernos.

A partir da aula de campo com a senhora Matilde, algumas questões surgiram para refletir com os alunos, como, por exemplo: “Qual planta serve para espantar mal olhado?”, “O que os mais velhos fazem quando vai dar um temporal?”, “Qual animal avisa de alguma notícia ruim?”, “O que nós fazemos para espantar aranhas, cobras, baratas e ratos?”. Elaboramos um ditado com o nome das plantas que dona Matilde citou, o qual ficou da seguinte forma: “Língua de vaca, masania, tansagem, cidreira, erva doce, arruda, casca do pinheiro, vacum, sete sangrias, samambaia, jóá.”. A seguir, propusemos aos alunos que escolhessem a erva do ditado que conheciam melhor e fizessem um desenho no qual depois escrevessem para que serve a planta.

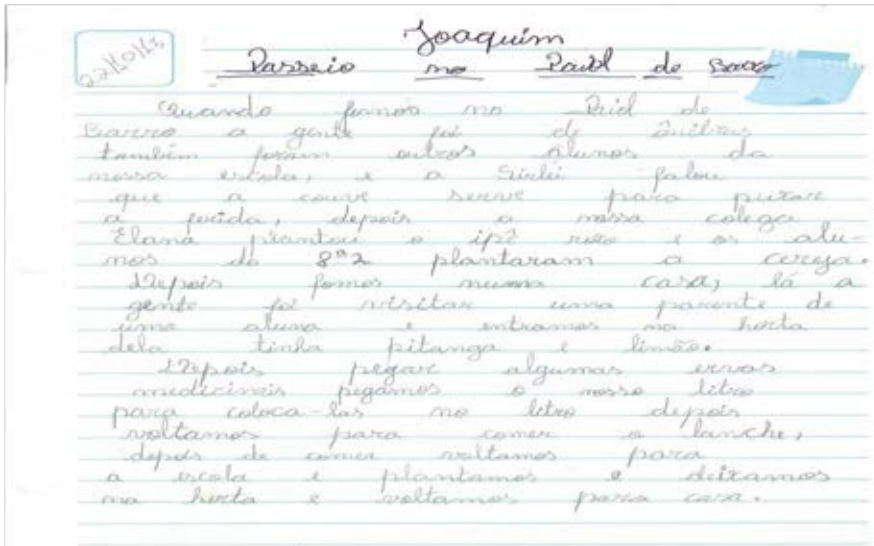
Posteriormente, propusemos outras atividades como:

Separe as sílabas dos nomes das seguintes plantas: Cipó, Tansagem, Manjerona, Masania, Vacum, Marcela, Jabuticaba, Guabiroba.

Complete as palavras a seguir com as letras que faltam: ___ngero-
na, Tan__agem, Ja__ti__ba, sa__baia, gua__ro__, cid__ra.

Na sala de informática, os alunos, organizados em duplas e trios, escolheram uma planta para pesquisar a respeito. Cada grupo deveria anotar os dados para discutir em sala.

3ª etapa: No dia 15 de outubro, visitamos a aldeia Paiol de Barro. A partir da pesquisa de campo foram propostas as seguintes atividades: Produção de relatórios sobre o passeio; produção de cartazes sobre a aula de campo; escrita do nome de algumas ervas medicinais que conhecemos durante a saída de campo na aldeia Paiol de Barro (como, por exemplo, bálsamo alemão, batata roxa, lavanda artimija, alinhaça, melissa, hortelã, dipirona, orégano, pulmonares, carqueja, camomila, pitanga); elaboração de acróstico com o nome das ervas medicinais (como, por exemplo, Ervas Raditi Varana Assa Samambaia Mata Esporão de galo Dipirona Indígena Caminho Incômodo Nabo Antes Inteligente Saúde); tempestade de ideias sobre ervas medicinais; produção de uma cartilha sobre ervas medicinais, desenhando e escrevendo nela para que servem.



Relatório do
aluno Joaquim
Belino, 4º ano 1



Cartaz dos alunos
Jessé, Peterson e
Jair, do 4º ano 1





Cartilha da aluna
Agar Gonçalves, do
4º ano 1



4ª etapa: Elaborar algumas questões para pesquisar com a família, como, por exemplo:

- Quais plantas medicinais sua família mais utiliza?
- Se fosse necessário, quem faria o preparo das ervas?
- Quais plantas medicinais sua família tem o hábito de colher?

Assinale:

- Masania
- Marcela
- Jabuticaba
- Outras. Quais? _____
- Nenhuma das opções

- Quando alguém de sua família fica doente, que recursos na comunidade você procura?

- Posto de saúde
- Ervas medicinais
- Outros. Quais? _____
- Nenhuma das opções

ELIZEU
Pesquisa em família

1) Quais plantas medicinais sua família mais utiliza?
arrumadeira e hortelã.

2) Se for necessário quem faz o preparo das ervas?
A minha mãe.

3) Quais plantas sua família tem o hábito de colher:

jatobá
 macaena
 manca
 outros, quais? _____
 nenhuma das opções

4) Quando alguém de sua família fica doente, que recursos você procura?

Posto de saúde Hospital
 ervas medicinais outros, quais? _____

Pesquisa realizada pelo aluno Elizeu Tomas, 4º ano 1

5ª etapa: Produzir gráficos a partir da pesquisa



Gráfico com dados de pesquisa, produzido pelo aluno Elizeu Tomas, a partir da pesquisa em sua família



6ª etapa: Elaboração de jogo da memória. Cada aluno ganhou uma folha A4, quadriculada em doze partes, para desenhar e nominar em cada uma dessas partes uma erva medicinal já estudada em sala de aula. Em seguida fotocopiamos a folha para que ficassem dois exemplares parecidos, a serem pintados de acordo com as cores das plantas.



Jogo da memória produzido
pelos alunos do 4º ano 1, 2015

7ª etapa: Saída de campo ao setor conhecido pelos moradores como Guavirova, pois nesse local há muitos pés de guabiroba, além de água santa (água de São João Maria) e um cemitério antigo. O foco da saída de campo foi valorizar e conhecer essa planta que, além de ser uma planta frutífera, também serve como remédio.

Relato de atividades (02): As atividades a seguir foram desenvolvidas na disciplina de língua Kaingang, com turmas do 1º, 2º, 3º, 6º e 9º anos.

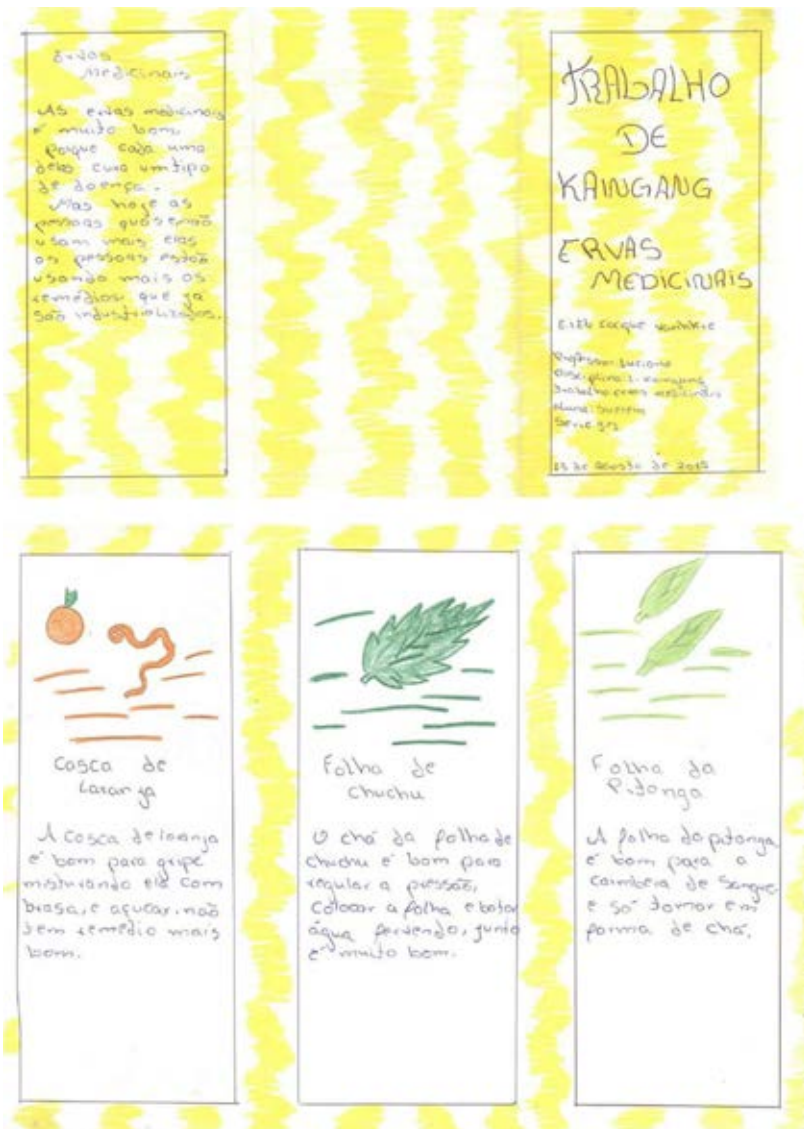
1ª etapa: Matilde Koito fez uma palestra em sala de aula para o 9º ano do ensino fundamental sobre as diversas ervas e seus efeitos. Ela falou que todos devem dar valor a esses remédios que ainda existem na comunidade, pois no passado tinha muitos e hoje existem poucos,

devido aos venenos que estão presentes nas lavouras perto das matas e florestas. Ela falou que os Kaingang quase não tomavam medicamentos da farmácia e não iam ao hospital, pois eles tomavam os chás das ervas medicinais.

2ª etapa: Os alunos foram na comunidade conhecer as ervas que ainda existem na Terra Indígena e cada aluno trouxe um galho de erva para colar num painel.

3ª etapa: A partir das discussões em sala, da saída de campo e da visita de dona Matilde, foram produzidos materiais como:

- Cartilhas com o nome das ervas e sua utilidade:



Trabalho produzido por alunos, do 9º ano 1

- Produção de texto a partir do tema ervas medicinais:



111

A importância das ervas medicinais

A importância dos remédios é para nós e porque eles tem efeito medicinal e também encontrar em qualquer lugar. Mais com esses conhecimentos que está acontecendo em nossa aldeia, estão trabalhando com os nossos remédios. Anticamente nos índios usávamos ervas por qualquer machucadura no corpo, e eles eram muito rubido de curar, curar diferente da que nos conhecemos hoje. Também eles sabem sobre da nossa cultura indígena.

! !

Trabalho produzido por alunos, do 3º ano 1

- Produção e tradução de frases na língua Kaingang:



E. I. E. B. Cac. que Vorhise.

Professora: Luciana Juremair.

Aluno: Carlos.

matrícula: 301

local: 30.000

lugar: 30.000

PIX: 30.000

Carãnti fãr, casca da laranja carãnti fãr vãr kãntãntã vã.

A casca da laranja: a casca da laranja é remédio.

kãntãntã fãr vã kãntãntã vã.

Trabalho produzido por aluno(s) do 1º ano 1 - 2015 - frase traduzidas no kaingang.

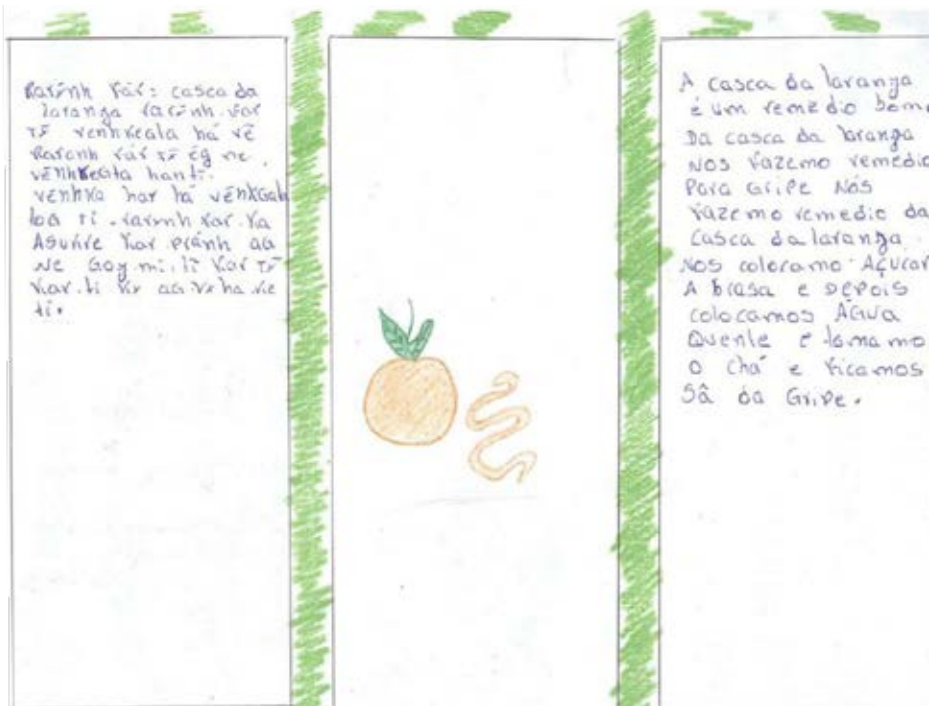
Trabalho produzido por alunos, do 1º ano 1

- Produção de cartilhas com o tema ervas medicinais:



Trabalho produzido pela aluna Caioana Gaspar do 6º ano 1

- Produção de pequenos textos na língua Kaingang:



Trabalho produzido pelo aluno Josiel, do 9º ano 1

- Desenhos com descrição de utilidade das plantas:



**Trabalho
produzido pelo
aluno Danrley
Wyklson Outeiro,
do 9º ano 1**



Relato de atividades (03): Desde o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, foram desenvolvidas atividades que levaram os alunos a adquirir mais conhecimento sobre as plantas medicinais. Por meio da produção de pequenos textos, os alunos puderam exercitar a escrita, pesquisar e se informar sobre o uso das ervas no dia a dia com a família.

Também foram produzidos folders com informações sobre o uso das plantas medicinais e o modo de preparo de chás. Assim, os alunos tiveram a oportunidade de usar suas habilidades com desenhos e arte, aprendendo muito com isso. Foram produzidas pequenas histórias em quadrinhos que ficaram ótimas e chamaram muito a atenção do público que visitou a exposição dos trabalhos.

Foram produzidos, ainda, cartazes nos quais foram apresentados os problemas quanto ao uso dos remédios da farmácia e seus malefícios para a sociedade. Gostamos muito dos resultados obtidos no desenvolver do projeto, que foi muito positivo. Em sala de aula, todos os alunos produziram e se empenharam nas atividades propostas. Esperamos que o projeto possa surtir efeito na vida dos alunos e na comunidade.

É preciso conscientizar nossos alunos, além de pais e educadores, isto é, unirmos a comunidade escolar para discutirmos e levarmos mais adiante esse projeto referente às plantas medicinais, pois assim contribuiremos para a formação de cidadãos de coragem e guerreiros para defender a nossa cultura Kaingang. As atividades desenvolvidas na disciplina de língua portuguesa com turmas do 6º, 7º e 9º anos foram as seguintes:

- Desenhos com descrição de uso das ervas:



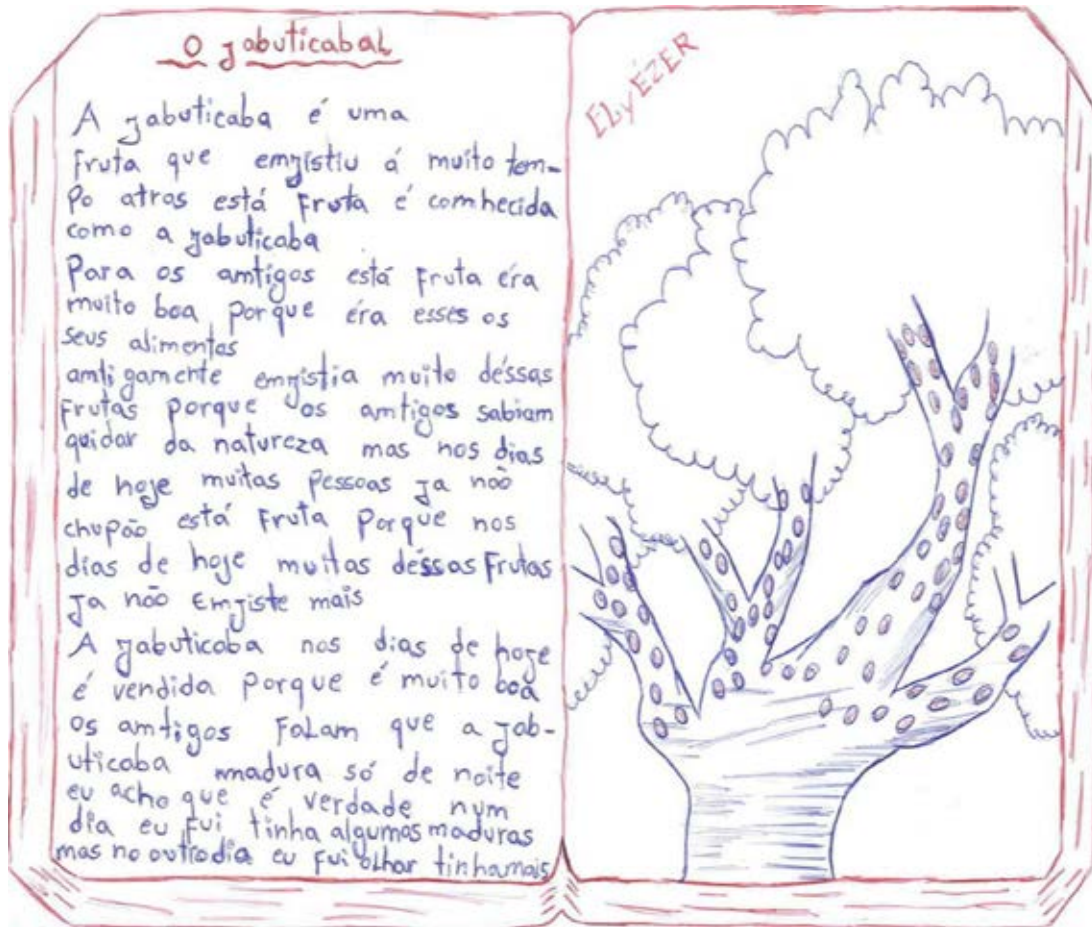
Trabalho produzido pela aluna Marcia Brisola, do 9º ano 1

- Produção de cartilhas:



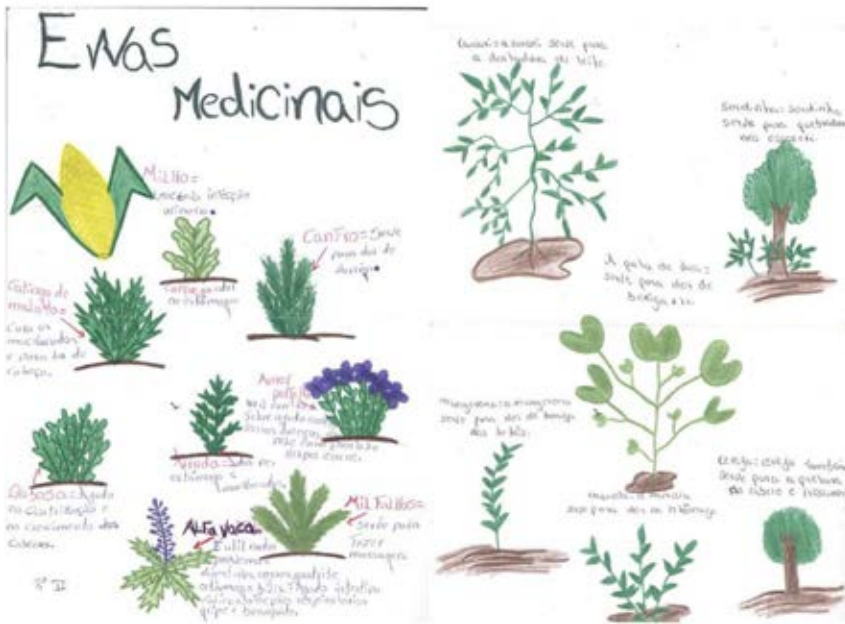
Trabalho produzido pela aluna Raiana, do 9º ano 2

- Produção de texto:



Trabalho produzido pelo aluno Elyezer

Relato de atividades (04): Na nossa comunidade existem pessoas que são curandeiras e cuidam de nós. Para o seu fortalecimento, a Ação Saberes Indígenas na Escola busca nos levar ao verdadeiro conhecimento e nos inspirar. A turma do 8º ano 2 de 2015, juntamente com o professor de História Moacir Francisco, produziu vários materiais a partir da saída de campo na aldeia Paiol de Barro, onde visitamos duas hortas medicinais e a dona Sirlei de Oliveira Pedroso explicou a importância dos remédios para nossas vidas. A partir do tema ervas medicinais, produzimos livrinhos e joguinhos. A seguir apresentam-se os trabalhos que foram feitos pelos alunos do 8º ano 2:



Trabalho produzido pelas alunas Suellem Inacio Feliciano, Gabriela, Miquelino, Elen Cristina Belino, Angela Alipio, Ana Marcia Koito, do 8º ano 2



E.I.E.B Cacique Vanhkre?

TRABALHO desenvolvido PELAS ALUNAS

Cauana Tomas, Querili Tainara Pereira, e Dalubia Rodrigues Y do 8º ano II Sobre o Tema ERVAS Medicinais na disciplina de HISTÓRIA ministrado pelo professor Moacir Francisco...



Índice

- 3º Capa um desenho - 1
- 2º o título do projeto - 2
- 0 nome dos autores - 3
- Apresentamentos - 4
- Introdução - 5
- Texto - 6
- desenhos e dicas sobre as ervas - 7
- Jogo de memória - 8
- Mapa da Hora das ervas medicinais - 9
- conclusão - 10
- Fontes de Pesquisas - 11



TERRA Indígena Vanhkre 24.10.2015

Introdução:

Este livrinho foi feito para todas as pessoas a fim de inspirar-las a conhecer um pouco mais de perto com a cultura indígena e com a natureza, a descobrir os seus segredos e suas belezas.

Cuidar das plantas cultivar ervas e obter um pouco mais de conhecimento sobre o poder curativo dessas ervas e essas são plantas deliciosas, mas toda vez mais raro no cotidiano de uma pessoa e que deve ser usado em pequenos espaços ser incentivados a fim de desenvolver a sensibilidade, o respeito e o cuidado.

Esta integração é um grande passo a favor da saúde do planeta e da saúde de nossa própria natureza interior.

Badônia

A Badônia é bom para dor de garganta, dor de cabeça etc...



Poejo

O Poejo é bom para fazer chá para gripe e também para aliviar os nervos.



Maria mole

A Maria mole é um remédio muito bom que serve para fazer remédio para dor de ouvido.



Aroeira e Baco de Barro

A Aroeira é bom para dor de dente, ferida e casca da árvore com o Baco de Barro e tomar.



JUNTEM SE A nós
nesta empreitada!



- Jogos de trilha com desafios e perguntas referentes ao tema ervas medicinais, criados pelos alunos do 8º ano 2, 2015. Nesses jogos, o aluno precisa responder várias perguntas sobre as ervas. Caso o aluno não souber a resposta pode buscar auxílio nas cartas com o verso virado para baixo na mesa.



Jogo de trilhas com desenho do Prof. Moacir Francisco, da disciplina de História





Pré-Escolar Pequeno Príncipe

Orientador: Valdemir Pinheiro.

Equipe de professores: Gilmar Mendes e Joice Paliano.

Objetivo Geral: Levar ao conhecimento dos alunos a importância das ervas medicinais Kaingang na Terra Indígena Xaçecó.

Relato de atividades (01): Começamos a desenvolver o projeto com a visita de dona Matilde Koito. A senhora Matilde Koito usou várias metodologias com os pequenos. Trouxe algumas ervas para os alunos e permitiu que eles sentissem o aroma de cada planta, tocando nas folhas para sentir a textura. Também falou do respeito que devemos ter com qualquer tipo de planta. O tempo todo os pequenos ficaram muito atentos às explicações de dona Matilde, que depois fez perguntas referentes ao que tinha explicado.

A partir disso, foram elaborados cartazes com os nomes das ervas que dona Matilde levou e com a sua função. Todos os dias da semana posterior, os cartazes nos lembraram do que dona Matilde tinha nos ensinado sobre as plantas medicinais. Foram feitos desenhos das ervas medicinais com o nome em Kaingang e em português. Treinamos o som das letras e o som das palavras em Kaingang. Antes que os alunos pintassem a gravura, o professor explicava para que serve cada erva medicinal.



Trabalho
produzido pelo
aluno Mateus

Depois disso, foram feitos canteiros com os alunos e alguns pais, utilizando pneus usados da comunidade, para plantio de ervas medicinais.



**Alunos do Pré-Escolar Pequeno Príncipe
plantando ervas medicinais**



Escola Indígena de Educação Fundamental Pinhalzinho

Orientador: Valdemir Pinheiro.

Professores: Cleverton Mendes, Creide Alipio, Odiel Paulino.

Série: 4º ano.

Relatório de atividades (01): A sábia dona Lidaci veio em sala falar com os alunos sobre plantas medicinais e ensinou os alunos a preparar vários remédios. Dona Lidaci também preparou chás para os alunos experimentarem. Foi feita saída de campo com ela para conhecer os remédios e suas utilidades. Enquanto ela falava, os alunos anotavam.

A partir dos trabalhos com dona Lidaci foram produzidos diversos materiais em sala com os alunos:

- Elaboração de frases e pequenos textos em Kaingang.
- Produção de panfletos.



PRESERVARE

- Não cortar, minar
- Não poluir
- Não desmatar

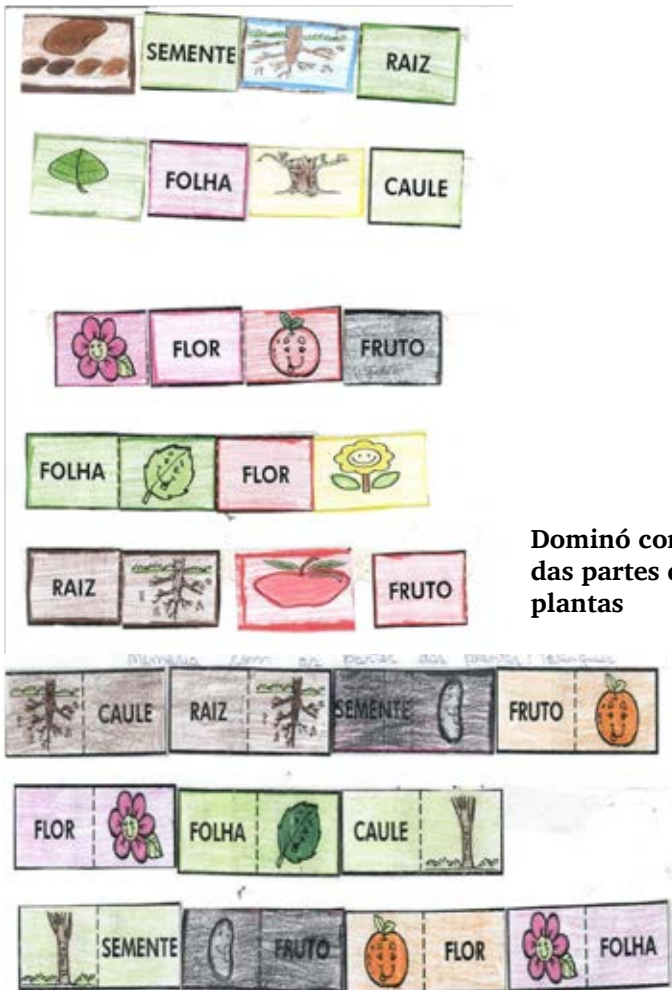
- Preservar
- Cuidar
- Respeitar
- Porque dos chá serve para tomar

- Não cortar
- Não queimar
- As árvores são para fazer o plantar



Panfletos sobre ervas medicinais

- Produção de jogo dominó com o nome das partes das plantas:

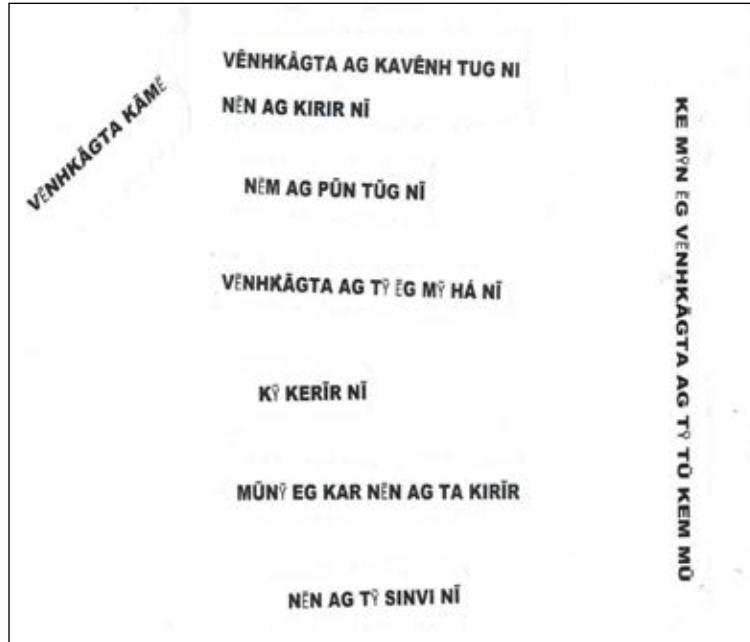


Dominó com nome das partes das plantas



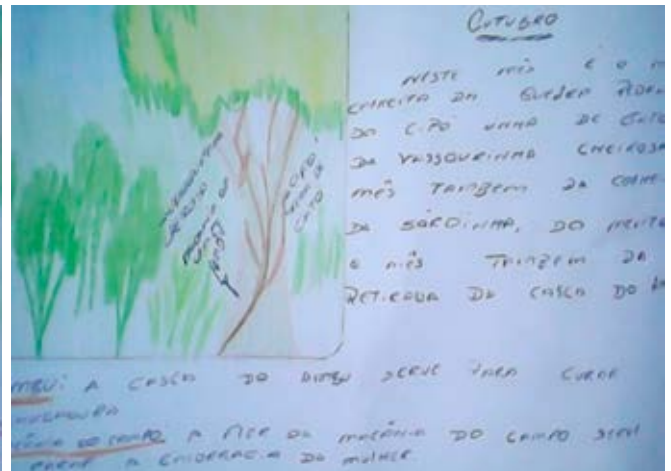
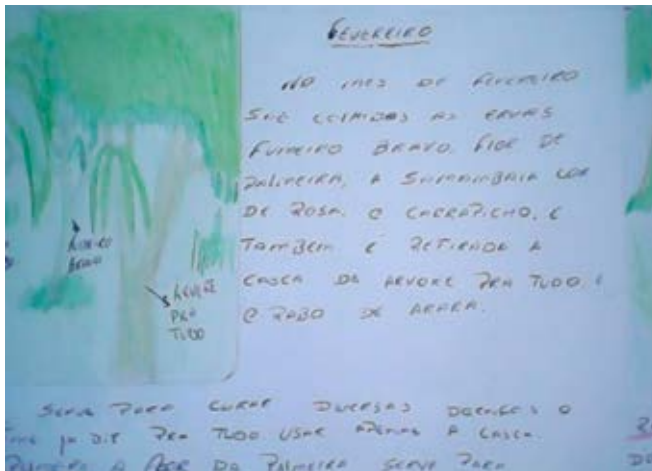


- Valorização da língua Kaingang através do tema:



Texto produzido em língua Kaingang

- Confeção de calendário de coleta/colheita das plantas medicinais, com as respectivas épocas do ano.



Trabalho sobre ervas medicinais

Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro



Orientador: Levi Feliciano.

Equipe de professores: Geomir Fortes e Elizângela dos Santos.

Público alvo: Alunos do ensino fundamental e médio.

Objetivo geral: Ressaltar a importância das ervas medicinais para o povo Kaingang.

Objetivos específicos:

- ✓ Envolver a comunidade escolar na Ação Saberes Indígenas desde a identificação do tema.
- ✓ Valorizar os conhecimentos dos mais velhos.
- ✓ Conhecer e refletir sobre a história das ervas medicinais utilizadas pelo povo Kaingang.
- ✓ Conhecer, analisar e debater os hábitos e costumes dos indígenas.
- ✓ Compreender e valorizar o contato e a relação de respeito à natureza, próprios da cultura indígena, estimulando a preservação do meio ambiente.
- ✓ Valorizar a sabedoria dos *kófa* (anciões) na transmissão de conhecimento por meio da oralidade.
- ✓ Fazer com que o ambiente escolar se torne prazeroso no processo do ensino-aprendizagem.
- ✓ Conscientizar os educandos e demais envolvidos sobre a sua responsabilidade na manutenção e estudo das ervas medicinais.

Justificativa: O presente projeto faz parte da Ação Saberes Indígenas na Escola e busca aliar o conhecimento dos remédios naturais com a constituição da identidade étnica Kaingang. A transmissão do conhecimento a respeito de ervas medicinais é feito via oralidade: muitas vezes, esse aprendizado acontece informalmente, em conversas familiares.

Relatório de atividades (01): O trabalho sobre ervas medicinais foi desenvolvido, primeiro, através de pesquisa na internet e visita à horta para conhecer vários tipos de ervas medicinais. Em seguida, retornamos à sala para a elaboração de um livro sobre as várias espécies de ervas pesquisadas. Para finalizar, agendei uma visita com a senhora Sirlei de Oliveira, a pessoa responsável por fazer chás, remédios, pomadas e xaropes, enfim, a pessoa conhecedora dos fitoterápicos. Agendado o encontro, fomos ao local onde são preparados os remédios.

No ambiente escolar foi realizado um levantamento de quais pessoas na comunidade conhecem as ervas medicinais. Nas suas comunidades, os educandos, juntamente com os professores envolvidos nessa atividade, buscaram essas informações.

Na imagem a seguir, a técnica de enfermagem Sirlei de Oliveira explica a importância dos cuidados no momento do preparo dos remédios, além da necessidade de se prestar atenção quando da ingestão dos mesmos. Além disso, expôs o modo de plantio.



Sirlei de Oliveira (profissional em fitoterapia) e trabalho produzido pelos alunos

Escola Indígena de Educação Fundamental Limeira



Orientador: Valdelir Pinheiro

Equipe de professores: Catarina Roque, Belarmino da Silva, Odair Victor dos Santos, Rodrigo Sturmer da Rocha.

Público alvo: 1º ao 4º ano – Multisseriadas.

Temática: Ervas medicinais Guarani na comunidade.

Objetivo: Conhecer as ervas medicinais Guarani.

Metodologia:

O trabalho foi desenvolvido através das seguintes atividades:

- ✓ Visita à casa do senhor Nelson Benite para conversar a respeito do seu conhecimento quanto às ervas medicinais dos Guarani.
- ✓ Os professores que trabalham com a temática ervas medicinais Guarani escolheram uma turma para visitar a casa do ancião que iria falar sobre sua experiência ou ensinar uma prática.
- ✓ Caminhada na mata da equipe de professores e alunos junto com o ancião.
- ✓ Saída de campo com visita à casa do *xeramõi* Nelson Benite e a *Opy* dos Guarani.
- ✓ Levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o tema ervas medicinais, relacionando-o às atividades já desenvolvidas no projeto Ação Saberes Indígenas na Escola.
- ✓ Roda de conversa com o ancião sobre as ervas medicinais utilizadas na cultura Guarani e Kaingang: identificação, cultivo e processo de preparação.

Alunos e professores na mata identificando e conhecendo as ervas medicinais



Ancião Nelson Benite com alunos e professores na mata conhecendo as variedades de ervas medicinais



ARTESANATOS

ARTESANATOS

O artesanato indígena Kaingang expressa a identidade e especificidade desse povo e promove o seu reconhecimento étnico. Através do grafismo podemos decifrar o momento único que um grupo ou indivíduo está passando e, inclusive, o que é pensado e/ou sentido no momento da confecção daquele artesanato, pois, nenhuma confecção será idêntica à outra.

O grafismo de cada comunidade Kaingang diferencia-se, podendo ser reconhecido por meio das cores usadas, pois elas serão características do estado ou aldeia do artesão. Além disso, para a maioria das famílias, o artesanato possui importância financeira, sendo, por vezes, o único meio de subsistência para os artesãos. As pessoas da família realizam todas as etapas da produção, desde a coleta e preparo da matéria-prima até o acabamento final, em que se destaca a habilidade do trabalho manual e do saber tradicional, passado de geração em geração: de pais para filhos, de avós para netos. Os pequenos começam seu aprendizado diretamente com seus pais, iniciando-se com objetos de confecção mais simples, auxiliando seus pais no corte da taquara e no carregamento da mesma. Geralmente, as crianças começam pelo cipó e depois passam para o descasque e o corte da taquara.

Simbolicamente, o artesanato é também uma maneira de caracterizar a identidade das pessoas. É como um selo que diferencia culturalmente um grupo do outro. Sua aplicação e utilidade respondem tanto às necessidades cotidianas e domésticas (no transporte e armazenagem de alimentos, artefatos de caça etc.) quanto ao uso de adornos e enfeites, como uma expressão artística e recreativa. Nos dias de hoje, o artesanato passou a ter maior relevância para muitas famílias Kaingang e Guarani, uma vez que é considerada uma das principais atividades geradoras de renda para os indígenas na região Sul do Brasil.

Aluno:
Leonor
Walterto



**Desenho de alunos como ilustração
para o artesanato Kaingang**

Escola Indígena de Ensino Fundamental Sãpe Ty Kó



Orientadoras: Joaquina Jymi Fej da Silva e Cleia Salvador.

Equipe de professores: Adilson Floriano, Adriana Loureiro Rodrigues, Jorge Nascimento, Eliel Inacio, Fabrizia Kreg Paliano, Jubis Nascimento Fernandes, Laudinéia Tânhkanhero dos Santos, Lirio Cassol, Michele dos Santos, Samara Mefej Salvador, Angélica Nascimento Fernandes, Celestiel da Silva, Bernardo Rodrigues, Ederson Kofej Nascimento.

Objetivo geral: Repassar, com auxílio dos conhecimentos dos anciões, os saberes indígenas para as futuras gerações. No trabalho da Ação Saberes Indígenas são utilizadas novas formas de explorar o espaço da comunidade do aluno, o que lhe faz adquirir confiança na sua cultura.

Objetivos específicos:

- ✓ Convidar os anciões para fortalecer a nossa cultura, através da contação de histórias dos nossos antepassados.
- ✓ Trabalhar com os alunos a forma certa do manejo da retirada das matérias primas para a confecção de roupas tradicionais.

Metodologia: Estes trabalhos foram realizados com os alunos dos anos iniciais (pré-escolar) e anos finais do ensino fundamental, com intuito de fortalecer e revitalizar a cultura. Iniciamos os trabalhos confeccionando roupas Kaingang. Essa atividade foi realizada fora da sala de aula, com a orientação dos anciões da aldeia Kondá. Fomos até a mata para fazer a coleta de matéria-prima, oportunidade na qual os professores explicaram a forma correta de coletar a fibra da bananeira para não danificar a natureza. Após a coleta da matéria prima, fomos até a escola para iniciarmos a confecção.

Relatório de atividades (01): Para iniciar as atividades, foram convidados os anciões Pedro Salvador e Marilene Feliciano para falarem sobre o artesanato. Primeiramente, para fazer a coleta da taquara é necessário observar e conhecer o ciclo lunar: a coleta deve ocorrer

na lua cheia, pois em outro período lunar a taquara cria caruncho e estraga. Do mesmo modo, deve-se cuidar também quando for feita a coleta de outras matérias, como o cipó e a criciúma (taquara fina). Dentre os tipos de taquara, cabe destacar também a taquara mansa (nem tão fina e nem tão grossa, com menor rendimento) e a taquara açu (que é mais grossa e rende mais).

Após a coleta, deve-se raspar a taquara e deixá-la no sol por um dia para secar. Em seguida, são feitas algumas lascas para só assim começar a destalar a taquara e produzir o artesanato, que pode ser pintado ou não.

Com a taquara podemos fazer cestos, balaios com tampas, peneiras, covos, anéis, pulseiras, esteiras etc. Hoje em dia, além da taquara, usamos outros tipos de matérias para elaborar os nossos artesanatos, como cipó, sementes, linhas, miçangas, penas etc.



**Alunos em saída
de campo**



**Coleta de
matéria prima**



**Professores explicando aos alunos
como deve ser feita a coleta das fibras
da bananeira**



Peneira



Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Pirã

Orientador: Adroaldo Antonio Fidelis.

Equipe de professores: Daniel Cadete, Geziane dos Santos e Cristiane Noeli Pinheiro Lemes.

Público Alvo: Alunos de 1° a 5° ano.

Objetivo Geral: Despertar em nossos alunos o interesse em preservar os nossos costumes, mostrando aos mesmos os tipos de artesanatos e adornos naturais que existem e fazem parte da cultura Kaingág.

Objetivos Específicos: Preservar a tradição e os costumes Kaingág e despertar o interesse pelos diversos tipos de vestimentas que fazem parte da cultura tradicional. Instigar os alunos e a comunidade à valorização e real importância dessas condutas para fortalecer, enriquecer e reafirmar nossa identidade enquanto povo indígena Kaingág.

Conteúdos: Adornos, arcos e flechas, vestes, entre outros.

Metodologia: Foi realizada uma roda de conversa entre os professores para projetar da melhor forma possível a realização do trabalho com os alunos. Depois foi repassado para os alunos o plano de ensino. Em seguida, a atividade foi iniciada com saída de campo ao mato com os alunos, para coleta do material necessário para confeccionar os artesanatos e adornos. Em meio à mata foi explicada a forma correta de coleta do material, para que este tenha mais durabilidade.

Posteriormente, os alunos retornaram à escola para realizar o processo da confecção. No primeiro momento, o professor *Sêm* Daniel Cadete mostrou como se deve fazer e começou a distribuir o material para os alunos.

Para as vestes, os alunos começaram a bater o caule da bananeira em pedras para desfiá-lo. Após essa etapa, foram colocadas as fibras desfiadas para secar ao sol. Uma vez secas as fibras do caule da bananeira, os alunos aprenderam a amarração própria para vestes.

Uma vez prontas as vestes, os alunos foram instruídos sobre a dança dos guerreiros.

Além das vestes, os alunos aprenderam o passo a passo da confecção de arcos e flechas (também utilizados para as performances de dança dos guerreiros) e outros adornos como colares e brincos.



Ida à mata para a coleta de materiais

Aluno batendo o caule da bananeira para a confecção de vestes





Professor Daniel confeccionando arco e flecha



Alunos fazendo adornos



Professores e alunos em apresentação usando as vestes e adornos confeccionados

Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro



Orientadora: Janete de Paula.

Equipe de professores: Suzana Néres e Antonio de Oliveira.

Introdução: Como temática para o nosso projeto na Ação Saberes Indígenas na Escola foram escolhidos artesanatos Kaingang e confecção de roupas típicas para momentos de comemoração cultural. Para que esse projeto obtivesse resultados positivos, foi preciso pesquisar na comunidade com os sábios e contar com o envolvimento de educandos, professores, diretor e, enfim, todos os envolvidos no ambiente escolar. As questões em discussão durante os grandes encontros da ASIE-SC foram referentes à valorização dos conhecimentos culturais, conhecimentos esses que não são registrados e ensinados com material didático específico nas escolas indígenas.

Objetivo geral: Este trabalho tem por finalidade envolver a comunidade escolar na ação do projeto, fazendo pesquisas com as pessoas mais velhas da comunidade, para saber como era a vida no passado, a forma como as pessoas sobreviviam e se relacionavam, como eram repassados os conhecimentos para os filhos e para as demais gerações e a forma como eram preservados os conhecimentos culturais e religiosos.

Objetivos específicos:

- ✓ Envolver comunidade, educandos e professores no processo da valorização dos conhecimentos culturais.
- ✓ Envolver a comunidade escolar na Ação Saberes Indígenas, chamando os pais e os mais velhos para contarem histórias e transmitirem seus conhecimentos.
- ✓ Confeccionar as roupas típicas culturais.
- ✓ Valorizar os conhecimentos culturais, registrando-os, transmitindo-os e colocando-os em prática.
- ✓ Valorizar os conhecimentos dos sábios da comunidade, ouvindo e praticando-os.

- ✓ Analisar a importância da preservação das matas para coletar as matérias-primas utilizadas para a produção de diferentes artesanatos.
- ✓ Preservar as nascentes de água da comunidade.

Metodologia: O trabalho foi desenvolvido a partir das seguintes atividades

- ✓ Dando início às atividades, professores e alunos saíram para coletar matéria prima, como taquaras e rosário (lágrima de nossa senhora).



Coletando matéria prima



- ✓ Após a coleta dos materiais, foi feita a sua classificação e preparação: as taquaras foram raspadas para tirar a lixa e cortadas em pequenos cubos; no rosário foi feita a limpeza.
- ✓ Na etapa seguinte, foi feita a montagem, com uma linha, de algumas sementes de rosário e um cubinho de taquara.
- ✓ Em seguida, essa montagem foi pregada nas roupas que seriam usadas pelos alunos no desfile no dia da festa do índio.
- ✓ O passo posterior foi colocar as penas de aves nos cubinhos de taquara.



Alunos confeccionando artesanato

- ✓ No ambiente escolar foi feito um levantamento de quais pessoas na comunidade conheciam os locais para coletar os materiais. Os educandos iriam atrás dessas informações e nós, professores envolvidos nessa atividade, ficamos encarregados de perguntar onde e como coletar materiais como sementes de rosários, taquarinhãs e penas.
- ✓ Foram utilizadas as aulas das disciplinas de Artes, Artes Kaingang e Geografia para coletar taquarinhãs e fazer o processo de raspado e corte em pequenos cilindros de 3 a 4 cm, coletar sementes de rosário e confeccionar as roupas.
- ✓ Durante as atividades, foram levantadas questões sobre a preservação das matas para evitar a extinção desses materiais, para que os alunos possam levar esse conhecimento para os demais e possam contribuir com o conhecimento adquirido.
- ✓ Para a decoração das roupas foram utilizados calções nos quais foram colocados quatro rosários e um canudo de taquara, ligados por uma linha de anzol, formando correntes neles costuradas. Por último foram colocadas penas de galinha nas pontas de cada corrente.
- ✓ A decoração da parte de cima de cada roupa tradicional ficou a critério de cada educanda, embora a ideia fosse fazer correntes de rosário.



- ✓ As atividades foram desenvolvidas em diversos períodos: na escola e em casa, com ajuda dos pais, seguindo o objetivo de conseguir fazer essa atividade em duas semanas, para a apresentação na festa do dia do índio.
- ✓ Os alunos que quiseram participar do desfile da festa do índio foram pintados com as marcas *Kamé* e *Kanhru*. O momento foi registrado com filmagens e fotos.



Vestes tradicionais confeccionadas.

Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro



Orientadora: Janete de Paula.

Equipe de professores: Adriana Milioransa, Jussara de Oliveira Belém, Arilson Belém, Catarina Roque, Dalgir Pacífico.

Público: Alunos do ensino fundamental e médio.

Objetivo geral: Ressaltar a beleza dos trabalhos, enfeites e artesanatos feitos em taquara pelos Kaingang, bem como a habilidade na confecção, sua importância econômica e a distintividade do artesanato dos Kaingang.

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar o tema e envolver a comunidade escolar na Ação Saberes Indígenas na Escola.
- ✓ Valorizar os conhecimentos culturais.
- ✓ Conhecer e refletir sobre a história do artesanato indígena Kaingang.
- ✓ Conhecer, analisar e debater os hábitos e costumes dos indígenas.
- ✓ Conhecer e valorizar a cultura indígena: hábitos, costumes e artes.
- ✓ Compreender e valorizar o contato e a relação de respeito com a natureza, próprios da cultura indígena, estimulando a preservação do meio ambiente.
- ✓ Valorizar a sabedoria dos *kófa* na transmissão do conhecimento através da oralidade.
- ✓ Fazer com que o ambiente escolar se torne prazeroso no processo do ensino-aprendizagem.
- ✓ Construir cestos e balaios (*Kre*).
- ✓ Conscientizar os educandos e envolvidos sobre a responsabilidade que eles têm de manter os conhecimentos culturais e estudar sobre eles.

Justificativa: O presente projeto faz parte da Ação Saberes Indígenas na Escola, que busca aliar o conhecimento da produção do artesanato com a constituição da identidade étnica Kaingang. Muitas vezes esse aprendizado acontece informalmente, em conversas familiares: grupos de indígenas se reúnem, habitualmente, para trocarem ideias sobre novos objetos. Historicamente, o artesanato é parte integrante da cultura indígena, sendo uma expressão material de sua visão de mundo, do seu modo de ser e de relacionar-se com elementos do ambiente.

Os artesanatos propriamente Kaingang sempre estão associados com a cultura, pois, através deles, o povo Kaingang contribui para a sua preservação, assim como para a preservação da língua. Este trabalho possibilita mostrar de forma textual e por imagens os artesanatos que o povo Kaingang ainda produz na TI Xaçecó, além de outros artesanatos produzidos por membros de outras etnias.

Metodologia: As atividades deste projeto pedagógico foram as seguintes

- ✓ Pesquisas sobre a cestaria Kaingang em livros e sites.
- ✓ Conversas informais com os mais velhos artesãos da comunidade, relembrando a forma de repasse dos conhecimentos dos nossos antepassados.
- ✓ Exposição em murais de itens dos artesanatos.
- ✓ Conversas com os sábios da comunidade, confecção de cestaria e contação de história sobre o artesanato Kaingang.
- ✓ Levantamento, no ambiente escolar, de quais pessoas da comunidade conhecem os locais para a coleta de matérias-primas. Os educandos buscaram essas informações em suas respectivas comunidades. Alunos e professores envolvidos na atividade ficaram encarregados de perguntar e coletar materiais como sementes de rosários, taquarinha e penas.
- ✓ Ida à mata para retirada da matéria prima com a ajuda de um artesão.
- ✓ Participação de toda a turma na totalidade do processo da confecção dos artesanatos propostos pelo professor, com ajuda de um *kófa* da comunidade.

- ✓ Levantamento de questões sobre a preservação das matas, devido à necessidade de manter as plantas utilizadas como matéria-prima para confecção de nossos artesanatos.

Relatório de atividades (01): Nas aulas práticas, observou-se o manejo das crianças e adolescentes com a faca, o que na sociedade ocidental seria considerado absurdo. Isso é apenas parte do que poderíamos chamar de responsabilidade Kaingang com os alunos, pois o compromisso com as crianças não é só dos pais e sim de toda a comunidade. É importante dizer que os artesanatos feitos pelas crianças não têm como objetivo final o comércio, tanto que, inúmeras vezes, elas os quebram em suas brincadeiras e os refazem novamente, dessa forma reconstruindo o processo educativo.

** BALLIVIÁN, J. M. P. Tecendo relações além da aldeia: artesãos indígenas em cidades da Região Sul. São Leopoldo: Oikos/COMIN, 2014. Disponível em: <<http://comin.org.br/static/arquivos-publicacao/Miolo%20TECENDO%20RELA%C3%87%C3%95ES%20ARTES%C3%83OS%20IND%C3%8DGENAS%20EM%20CIDADES%20COMIN%202014.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

As atividades foram realizadas na aula de Artes pela professora Jussara de Oliveira Belém com a turma da 2ª série do ensino médio. Na sala de aula foi trabalhada a parte teórica, abordando o artesanato cestaria no livro *Tecendo relações além da aldeia – Artesãos indígenas em cidades da Região Sul*, organizado por José Manuel Palazuelos Ballivián em 2014**. Como na turma temos alunos Guarani e Kaingang, iniciamos os conteúdos com o capítulo intitulado “Vencendo a ideia de que índio é tudo igual”. Esse texto auxiliou na observação das diferenças relacionadas à língua, à espiritualidade e aos artesanatos existentes entre as duas etnias que temos na escola. Dando continuidade aos trabalhos, foi feita uma roda de conversa para se discutir outras passagens do livro:

O texto “A Selva de pedra – Kaingang” nos trouxe relatos sobre de onde se retirava o sustento das famílias Kaingang, como funcionava sua vida em comunidade, o respeito que se tinha pela natureza, a abundância de alimentos oferecidos por ela, os tipos de alimentos que elas cultivavam e as consequências que a colonização trouxe para o nosso povo. Os alunos puderam relacionar as informações contidas no texto com a nossa realidade nos dias atuais.

O texto “Adaptações e demandas no artesanato indígena” reforçou que, para muitas famílias indígenas, o artesanato continua sendo a





principal atividade na geração de renda. Segundo o texto, são muitos, porém, os obstáculos encontrados nas grandes cidades para a venda dessas peças. E também devemos levar em consideração a escassez da matéria prima utilizada na confecção, devido ao descaso com nossa mãe natureza.

O texto intitulado “O comércio do artesanato é uma maneira importante de estabelecer e fortalecer as relações dentro e entre culturas” nos trouxe reflexões a respeito da forma de comercialização do artesanato.

Após os estudos teóricos do artesanato em cestaria indígena, fomos a campo retirar a matéria-prima com a qual são confeccionadas as peças da cestaria: a taquara. Também fomos ao encontro da artesã dona Maria Oralina Pinheiro, que reside na aldeia Sede da TI Xaçecó. Ela nos falou sobre a confecção da cestaria, desde a retirada da matéria-prima até a comercialização das peças nas cidades vizinhas. Os alunos faziam perguntas em uma conversa informal com ela e com o senhor Cesário, seu esposo. As respostas recebidas guardavam relação com as informações estudadas em sala de aula.



Conversa com sábio

Dona Maria nos ensinou como se inicia um balaio com trançado simples e os alunos puderam participar das atividades práticas, as quais realizaram com muita alegria. Dona Maria relembrou, contudo, a falta de interesse dos jovens em aprender a fazer o balaio, como ela denomina as peças que produz.

Dentre todos os seus filhos, somente uma filha aprendeu a confeccionar o balaio, mas agora ela mora na cidade grande, então não faz mais. Dona Maria nos contou também como ela faz a comercialização do artesanato que produz, dizendo que vende por dinheiro e às vezes troca por alimentos, roupas ou calçados. Também nos disse que os obstáculos encontrados são muitos.



**Aula de Artesanato Kaingang
com Dona Maria**

Os alunos produziram peças artesanais de cestaria com o auxílio dos artesãos e dos professores, que arriscaram auxiliar na produção.





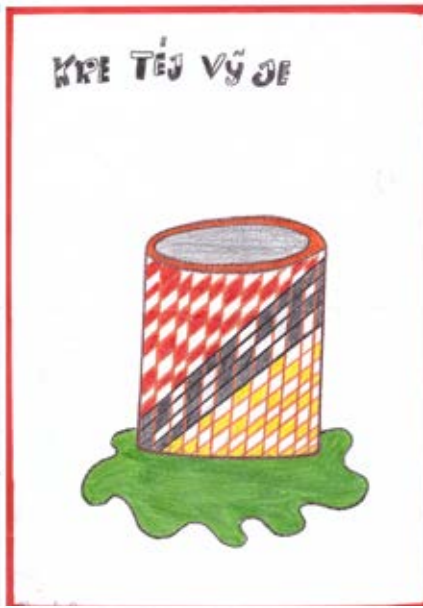
**Dona Maria e alunas
confeccionando o artesanato**

Para aproveitarmos ainda mais os conhecimentos tradicionais de dona Maria Oralina, levamos ingredientes culinários e ela, juntamente com a esposa do professor Dalgir, nos preparou o almoço com *emĩ* (bolo na cinza), feijão, carne e arroz. Dona Maria preparou a massa e assou o bolo na cinza.



**Dona Maria
Oralina assando
o bolo na cinza**

Para concluir, quero reiterar que a atividade de campo veio ao encontro do conteúdo teórico estudado em sala de aula, clareando ainda mais o entendimento dos alunos; ressaltar que nas aldeias onde nossos alunos vivem a questão cultural está esquecida no tempo; e fazer constar que cada aluno permaneceu com a peça de balaio que trançou.



Trabalhos realizados pelos alunos



Escola Indígena de Ensino Fundamental Guarani

Orientador: Getúlio Narsizo

Equipe de professores: Terezinha Guerreiro Ercigo, Anderson Vieira e Valdelir Pinheiro.

Objetivo Geral: Conhecer e valorizar a importância dos artesanatos para os Kaingang e conhecer os diferentes artesanatos existentes na TI Xapecó.

Objetivos Específicos:

- ✓ Entender o artesanato Kaingang e seu envolvimento com o sustento da família.
- ✓ Estudar o que influencia na confecção do artesanato.
- ✓ Compreender a importância da confecção do artesanato.
- ✓ Identificar as matérias-primas utilizadas para a confecção dos artesanatos.
- ✓ Mapear os locais onde há matéria-prima.
- ✓ Confeccionar os trançados com papel.
- ✓ Valorizar o conhecimento tradicional dos mais velhos.
- ✓ Realizar entrevistas com os mais velhos.
- ✓ Confeccionar os diferentes tipos de artesanatos.
- ✓ Conhecer os trançados e grafismos presentes nos artesanatos.
- ✓ Valorizar as marcas *Kamẽ* e *Kanhru* através do artesanato.
- ✓ Conhecer os artesanatos confeccionados na aldeia Limeira pelos Guarani.

Justificativa: Nos dias atuais, em nossa aldeia, os artesanatos já deixaram de ser confeccionados por influência de outras culturas e por falta de matéria-prima, os mais jovens já não sabem mais identificar

um artesanato feito pelo povo Kaingang, sendo que o mesmo faz parte de nossa cultura e nos identifica com trançados e grafismos distintos. Por isso se torna importante e necessário desenvolver este projeto na escola, para valorizar e conhecer os nossos artesanatos e de outras culturas, como os que são confeccionados na Aldeia Limeira pelos Guarani.

Metodologia: Esse projeto foi desenvolvido na EIEF Guarani com os alunos de séries iniciais do 1º ao 5º ano, com aulas expositivas e dialogadas, produção de texto, cartazes, escrita de palavras, produção de desenhos, produção de fotos, mostra de vídeos, confecção dos trançados em papel cartolina, saídas de campo com visitas a casa de artesãos a fim de conhecer os artesanatos. Além de coletar matéria-prima e confeccionar objetos, também fizemos o mapeamento dos locais na aldeia aonde ela ainda existe para a confecção dos artesanatos. As atividades desenvolvidas e questões tratadas foram as seguintes:

- ✓ Mapeamento dos artesanatos Kaingang.
- ✓ Pesquisa com os artesãos: Que aldeias ainda têm artesãos?
- ✓ Compreensão da importância do artesanato para a cultura Kaingang.
- ✓ Confeção e diversidade dos artesanatos.
- ✓ Identificação dos artesanatos Kaingang através da oralidade com a participação ativa dos alunos.
- ✓ Artesanato como fonte de renda.
- ✓ Locais de existência da matéria-prima: fazer mapeamento dos locais onde ainda são encontradas taquaras e cipós em nossa aldeia.
- ✓ Madeira usada para fazer a lança, o arco e a flecha.
- ✓ Plantar com os alunos as sementes de porungos e também confeccionar um chocalho.
- ✓ Coletar com os alunos capins, tingir e fazer um vaso.



Os artesanatos trabalhados foram:

Chocalho (Sygsy): Do que é feito? Qual a importância da porunga/porungo? Qual a época de plantio? Tem lua certa para colher ou para plantar? Como se faz o chocalho? Para que é utilizado pelos Kaingang? Em que rituais: dança, festa do *Kiki*, reza, cura? Que marcas ou grafismos são inscritas no chocalho? Hoje o chocalho é usado para enfeites e para venda? Qual o significado do chocalho para os Kaingang?

Balaio (Kre), cesta (Kre Sî), tuia (Kej) e peneira (Gren): Do que são feitos? Onde são encontradas as matérias primas? Tem lua certa para a coleta? Qual tipo de taquara é usada? Como se retira? Qual tipo de cipó é usado? Como destala? Como faz o tingimento? Que tinta se utiliza hoje? E, antigamente, que tinta era utilizada? Qual dos artesanatos é mais trabalhoso para fazer? Que tipos de trançados são feitos? Que grafismos são feitos? As marcas *kamê* e *kanhru* estão presentes nos artesanatos?

Arco e Flecha (Vyj No) e Lança (Rógro): Qual a importância desses objetos para os Kaingang? Para que os utilizam? Como são feitos? Que madeira é usada? Onde é encontrada essa madeira? Ainda tem bastante? Hoje esses artesanatos são usados para quê? Antigamente, como eram utilizados?

Colar (Jãnka), pulseira, brincos (Nigrë To Sa), filtros dos sonhos: Como são feitos? Que materiais são utilizados na confecção? Qual a importância? Para que os Kaingang utilizam esses adornos? Eram utilizados antigamente? Em que ocasiões: festas, rituais?

Vasos de flores: Como são feitos? Para que são confeccionados? Para venda? Para enfeite? Que materiais são utilizados na confecção?

Relatório de atividades (01):

1ª atividade: Aula expositiva e dialogada. Nessa aula ocorreu uma conversa com os alunos durante a qual eles expuseram o que sabiam sobre os artesanatos.

2ª atividade: Mostra de vídeos sobre a importância do artesanato

para os Kaingang, suas dificuldades para a confecção e a valorização dos mesmos. Nessa aula, os alunos assistiram a um vídeo que falava sobre os artesanatos e depois debateu-se sobre o tema.

3ª atividade: Mostra de artesanatos e grafismos em sala de aula. Nessa aula foram mostrados vários tipos de artesanatos indígenas e os diferentes grafismos neles trançados, mostrando as marcas *kamê* e *kanhru*.

4ª atividade: Produção de desenhos dos grafismos em papel quadriculado. Nessa aula, os alunos desenharam os grafismos em papel quadriculado e os pintaram. Foi uma aula bem produtiva. Todos os alunos participaram e gostaram.

5ª atividade: Produção de desenhos e textos sobre a importância dos artesanatos. Nessa aula, os alunos puderam expor suas ideias sobre porque o artesanato é tão importante para nós indígenas.

6ª atividade: Confecção de trançados no papel cartolina. Nessa aula, os alunos confeccionaram os trançados que foram trabalhados no papel cartolina. Todos se empenharam para desenvolver a atividade com a maior criatividade possível.

7ª atividade: Saída de campo pela aldeia para ver onde ainda existem taquaras e cipós. Nessa atividade, fomos com os alunos pela aldeia Guarani, onde caminhamos próximo ao rio, onde havia mais mata, e identificamos que há pouca matéria-prima e que uma das causas dessa extinção é o desmatamento.

8ª atividade: Mapeamento das matérias-primas na aldeia Guarani, representado posteriormente num cartaz. Nessa aula, todos os alunos participaram e fizeram um cartaz referente ao que observaram quando da saída de campo.

9ª atividade: Saída de campo para visita à casa da anciã senhora Lurdes Martins e confecção dos chocalhos.

10ª atividade: Término da confecção dos chocalhos com apoio da professora Mirian Antunes. Na ocasião, foi organizado um dia cultural na EIEF Mbya Limeira e dele participaram também os alunos da EIEF Guarani. Na parte da manhã foram feitas as tintas da terra em parceria com a EPAGRI de Entre Rios e algumas comidas tradicio-



nais Guarani e Kaingang como o bolo na cinza e o bolo na taquara. À tarde, os alunos terminaram de confeccionar os chocalhos com a senhora Lurdes Martins, sendo uma aula superprodutiva da qual todos os alunos gostaram.

11ª atividade: Confeção dos filtros dos sonhos pelos alunos em sala de aula.

12ª atividade: Os alunos voltaram à casa da senhora Lurdes para confeccionar colares e pulseiras com rosário. Todos participaram e cada um confeccionou o seu adorno, que foi usado no desfile das escolas na semana cultural.

13ª atividade: Confeção de arco, flecha e lança.

14ª atividade: Montagem do Cantinho da Cultura com os artesanatos confeccionados.



Alunos em busca de matéria-prima





Cartaz com o mapeamento das taquaras na aldeia



Alunos na casa da anciã Lurdes Martins confeccionando chocalhos



Confecção de filtro dos sonhos



Alunos com seus chocalhos



Escola Indígena de Educação Básica

Cacique Vanhkrê



Orientadora: Sirlei Alves de Assis.

Equipe de professores: Elizete Néris, Ivania Mendes, Charlene Lopes, Eva Feliciano, Sirlene Néris, Carina Inácio, Andreia Francisco, Odair Vitor dos Santos, Elielson Belino, Claudemir Pinheiro.

Justificativa: Este projeto de pesquisa foi realizado devido à existência de poucos relatos escritos da história dos artesanatos Kaingang da Terra Indígena Xapecó. A pesquisa foi baseada em três perguntas: a) Como eram confeccionados os artesanatos? b) Quais materiais eram usados? e c) Tais materiais existem atualmente? Esta pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena Xapecó com os mais velhos da comunidade e com as famílias que ainda confeccionam os artesanatos de taquara. Este trabalho constitui um grande passo para a conquista da cidadania pelos Kaingang, dada a socialização do conhecimento e de práticas relacionadas. Com este trabalho também se pretendeu retomar as práticas tradicionais que estão caindo em desuso, valorizando nossos símbolos e nossos antepassados. Registrar tais práticas tradicionais garantirá às futuras gerações a possibilidade de conhecerem a sua história.

Objetivo geral: O objetivo deste trabalho é pesquisar com os alunos a respeito da importância dos artesanatos para as famílias indígenas Kaingang e do processo de confecção dos principais artesanatos produzidos pelas pessoas da comunidade.

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer a história que traçou a vida do povo Kaingang e as transformações culturais ocorridas em consequência da colonização e da chegada dos não índios nas terras indígenas.
- ✓ Descobrir valores tradicionais da identidade Kaingang, como o artesanato e suas utilidades.
- ✓ Identificar os vários tipos de artesanatos na comunidade.
- ✓ Reconhecer as matérias-primas utilizadas na confecção dos artesanatos.

- ✓ Incentivar os alunos e a comunidade para o aprendizado da confecção e da função do balaio e para o uso do mesmo.
- ✓ Estudar como preparar a matéria prima.
- ✓ Conscientizar a respeito do valor do artesanato na cultura.

Metodologia: O trabalho será desenvolvido através de atividades como as elencadas a seguir.

- ✓ Pesquisa com os mais velhos.
- ✓ Confecção de materiais (cestaria).
- ✓ Produção de textos e cartazes.
- ✓ Desenvolvimento de medidas geométricas e quantidades.
- ✓ Estudos das marcas tribais.
- ✓ Elaboração de histórias em quadrinhos e de jogos lúdicos.
- ✓ Contação de histórias.
- ✓ Explicar aos alunos o como e o porquê do trabalho com artesanato.
- ✓ Levar os alunos na mata próxima para conhecerem a matéria-prima que será usada para a confecção do artesanato e registrarem a saída por meio de fotos e vídeos.
- ✓ Confeccionar vários tipos de artesanato de taquara.
- ✓ Produzir desenhos.
- ✓ Realizar atividades práticas na escola e fora da escola.
- ✓ Construir uma casa típica para realizar trabalhos como palestras, contação de histórias e confecção de balaios.



**Coleta de matéria
prima e confecção
do artesanato**



Relatório de atividades (01): No mês de novembro de 2015, dando continuidade ao trabalho da Ação Saberes Indígenas na Escola, alunos e professores iniciaram a construção de uma casa de esteira com o auxílio do ancião Sr. Laudir Belino. O Sr. Laudir Belino explicou para os alunos qual era a melhor taquara para a confecção das esteiras, a época certa do ano e as fases da lua em que devemos realizar a coleta para uma melhor durabilidade do material.

Construção das esteiras
com a participação ativa
dos alunos





Nos dias de confecção todos se reuniram e se divertiram, destalando e trançando as taquaras

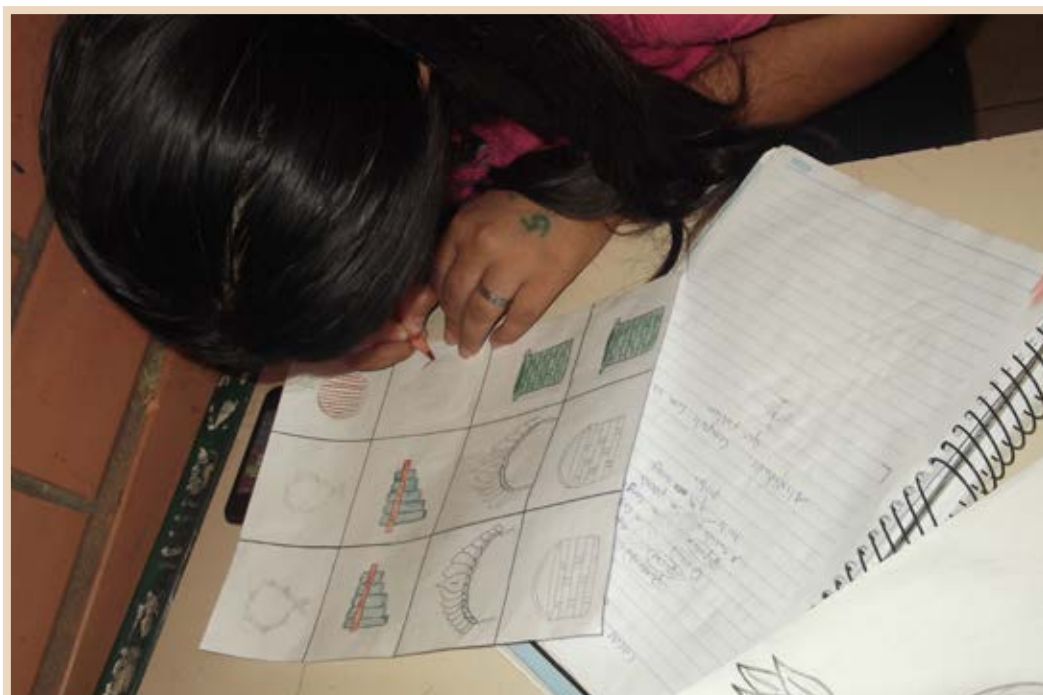


Período aproximado para a conclusão da casa de esteira: 30 dias

Relatório de atividades (02): Ao início da Ação Saberes Indígenas na Escola apresentamos o projeto sobre o artesanato Kaingang. Assim, abrimos um diálogo com os alunos sobre o assunto e a curiosidade bateu sobre eles. Em seguida saímos à mata juntamente com os alunos e professores envolvidos no projeto, das turmas de 4º, 5º e 9º anos do ensino fundamental e de ensino médio.

Fomos a campo visitar o local onde existe a matéria-prima, com a orientação do professor Claudemir Pinheiro, que explicou passo a passo sobre as formas e a importância de se preservar a natureza, para que não se acabe a matéria-prima, pois é um meio de valorizar a cultura e os artesanatos. O professor Claudemir fez um relato sobre a preparação da taquara para a confecção do balaio. Essas atividades de campo aconteceram para coletar a matéria-prima, fazer pequenos livros de história, realizar desenhos da taquara e dos balaio, elaborar joguinhos de memória, quebra-cabeças e cartazes com frases sobre a cultura indígena com os alunos.

Foram realizadas também palestras e pesquisas com os mais velhos da comunidade sobre a época da taquara própria para a confecção do artesanato. Após a pesquisa, os alunos registraram no caderno as informações. Em seguida, foram para a prática de confecção dos artesanatos, sendo que nela participaram todos os professores cursistas da Ação Saberes Indígenas.



Aluna
desenhando
peças de
artesanato



**Senhor Cesário Pacífico
palestrando para os alunos**



**Sábias, professoras e alunas
mostram os resultados do árduo
trabalho**

Relatório de atividades (03): No primeiro dia, o ancião Cesário Pacífico foi convidado a ir até o pré-escolar Pequeno Príncipe para contar como era a vida no passado e ali ele relatou seu pouco tempo de escola. Sofreu muito, pois tinha que ajudar seus pais no sustento de sua casa e, portanto, trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Com isso, acabou não finalizando seus estudos.

Após contar sua história de vida falou sobre como era confeccionado o artesanato, tratando especificadamente da taquara. Explicou onde era encontrada e como era seu preparo, até a sua confecção completa.

No segundo dia, foi iniciada uma atividade com material EVA (espuma vinílica acetinada, encontrada em papelarias), com o qual os alunos fizeram o trançado para ter uma noção básica de como era feito o artesanato em taquara.

No terceiro dia foi realizada mais uma atividade sobre a taquara: desenhos em pontilhado de artesanatos como tuiá, peneira, cesto, armadilhas, balaios etc., para trabalhar coordenação motora, concentração e desenvolvimento mental.

**Seu Cesário em aula
com os alunos**



Para realizar os trabalhos sobre a confecção do cocar, do colar e das vestes, foram iniciados diálogos entre professores e alunos com explicações sobre como seria desenvolvido o trabalho em sala.

Foram convidadas duas pessoas da comunidade para auxiliar na confecção dos artesanatos que seriam utilizados na festa do índio. Foi realizada uma exposição de todos os trabalhos produzidos pelos alunos na escola para que a comunidade pudesse apreciar os trabalhos desenvolvidos.



Alunos com cocares produzidos por eles mesmos



Os alunos produziram desenhos em sala e realizaram trabalhos na prática: confecção de colares, cocares e roupas feitas de taquara. Os alunos demonstraram muito esforço no desenvolvimento das atividades e os anciões mostraram-se sempre dedicados para que acontecessem os trabalhos da melhor forma.



Aluna desenhando peças de artesanato em sala.

Relatório de atividades (04): Para iniciar nossa ação na escola, decidimos por desenvolver o artesanato em taquara com os alunos do 4º ano.

Na primeira etapa, fizemos as saídas de campo com alunos do 4º, 8º e 9º anos do ensino fundamental para ensinar o primeiro passo do nosso trabalho, que era a coleta da matéria prima para a confecção do artesanato. Explicamos para os alunos qual era a melhor lua para coletar a melhor taquara e quais os tipos de preparação que devem ser feitos antes de confeccionar o balaio.



Alunos carregam a matéria prima

Contamos com a colaboração de alguns alunos do 8º e 9º anos para trazer a taquara até a escola. Nessa ocasião, ensinamos aos alunos como fazer uma casa de esteira de taquara, que iria ser usada para fazer fogo e esquentar a água para o tingimento de taquara necessária à confecção dos artesanatos. Nesta etapa tivemos apoio do nosso ancião colaborador Laudir Belino.

Essa foi uma das primeiras ações com os alunos do 8º e 9º ano. A partir desse momento, demos continuidade à nossa atividade da Ação Saberes Indígenas juntamente com os alunos do 4º, 8º e 9º anos na confecção dos artesanatos.

Nossos alunos do 8º e 9º ano aprenderam a fazer esteira de taquara, uma prática que eles nunca haviam realizado em suas vidas e da qual gostaram muito. Os alunos sempre se mostraram dispostos a nos ajudar e também a aprender mais. Enquanto isso, dentro da sala de aula, outros alunos continuaram a aprender a fazer o balaio com outras anciãs da aldeia.



Artesã trabalhando com alunos em sala e artesanatos finalizados.

A primeira imagem acima mostra os alunos do 4º ano aprendendo a confeccionar pequenos artesanatos com a anciã colaboradora, que muito tem nos ajudado com sua sabedoria e com o dom que Deus lhe deu. A segunda imagem é de uma das amostras de trabalhos com taquara feitos pelos nossos alunos da escola EIEB Cacique Vanhkrê. Podemos ver nela os vários tipos de balaios, bem coloridos e de formas diferentes, símbolos da nossa cultura.

Em relação às taquaras utilizadas na confecção de artesanato, cabe destacar que a taquara mansa é utilizada para a confecção de balaios pequenos e médios, seja para lembranças, seja para presentes. Essa taquara sempre cresce na beira dos rios e é mais frágil do que os outros tipos de taquara. Ela é utilizada nos artesanatos mais delicados por ser lisa e, portanto, mais fácil de destalar.

Já a taquaraçu é bastante utilizada pelos artesões que ainda confeccionam balaios na aldeia. Antigamente era difícil de encontrar porque havia muitos artesões na comunidade e todos confeccionavam o balaio e outros artesanatos para os quais utilizavam essa taquara. A pessoa que colhia percorria quilômetros para encontrar a taquara: ela colhia bastante para fazer estoque até a lua seguinte. Hoje, por haver menos artesãos, a taquaraçu é bastante predominante nas matas que ainda existem na aldeia.



Alunos e professores voltando da coleta do material para dar início à construção da casa de esteiras



Artesã trabalhando com os alunos na escola





Escola Indígena de Ensino Fundamental Fenó

Orientadoras: Ivanir de Oliveira e Vanda de Oliveira.

Equipe de professores: Adriane da Veiga, Alexandre da Veiga, Armindo Pinto, Felipe Luiz Montemezzo, Iara Campolim, Indiamara de Oliveira, Janete da Veiga, Janice Domingos, Jessica Aparecida Rodrigues, Jurema de Fátima de Oliveira, João Batista Antunes, Mario Antunes, Marizete Antunes, Marizete da Veiga, Maura Fumagalli, Paulo Marcio Pinheiro, Pedro de Oliveira, Rosilei Barbosa, Santa Maria Antunes, Simoni Fernandes e Vanisse Domingos.

Objetivo geral: Conscientizar as crianças da importância da prática de confecção do artesanato para fortalecer a identidade e a cultura Kanhgág.

Desenvolvimento: O primeiro passo da ação foi desenvolvido na casa da anciã Rosa de Paula, local onde foi pesquisada a importância do artesanato no cotidiano do povo Kanhgág.

Depois da pesquisa, iniciaram-se as atividades práticas na escola. As professoras Jurema, Irene e Marizete organizaram as turmas do

2º e 3º ano para a pesquisa de campo, para os alunos conhecerem quais são as matérias primas utilizadas na confecção dos artesanatos do povo Kanhgág. Elas levaram as turmas até um lugar próximo da escola para mostrar-lhes a taquara mansa, cipó *goj me* e o bambu. Esses são os tipos de taquara que existem na comunidade, mas em outras aldeias tem outro tipo de taquara que é chamado de taquaraçu.



Coleta da taquara

De volta para a sala de aula, professoras e alunos trouxeram as taquaras e o cipó para serem preparadas e trabalhadas para a confecção dos artesanatos.

Atividade prática de confecção de apitos e balaios: Após a coleta foram cortadas e raspadas as taquaras. Feito isso, as crianças confeccionaram balaios e apitos. Para a confecção dos apitos, foram cortadas as taquaras e feito um pequeno furo na ponta. Os balaios foram feitos com o restante da taquara.



Alunos trabalhando na confecção dos artesanatos

Atividade prática de artesanato em canetas e adornos e de confecção de arco e flecha: A atividade de busca de cipó para encapar canetas foi feita com algumas crianças, apesar da distância. Caminhamos por 8 km com os alunos e com a anciã dona Maria para conseguirmos a matéria prima. O cipó *goj me* (cipó da banana *kó*) é difícil de encontrar na comunidade, pois algumas famílias tiram o pouco que ainda tem para confecção de seus artesanatos.

Em turmas mistas, os professores levaram alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos e do ensino médio até o mato, na comunidade, para tirar madeira para a confecção de lança e de arco e flecha. Tiraram a madeira numa segunda-feira para ela murchar. Na quarta feira da mesma semana retomaram o processo, retirando a casca da madeira. Deram continuidade ao processo até ficar no ponto de serem feitas a flecha e a lança.

Além disso, os alunos também aprenderam a fazer adornos, brincos, pulseiras, colares e filtros dos sonhos.

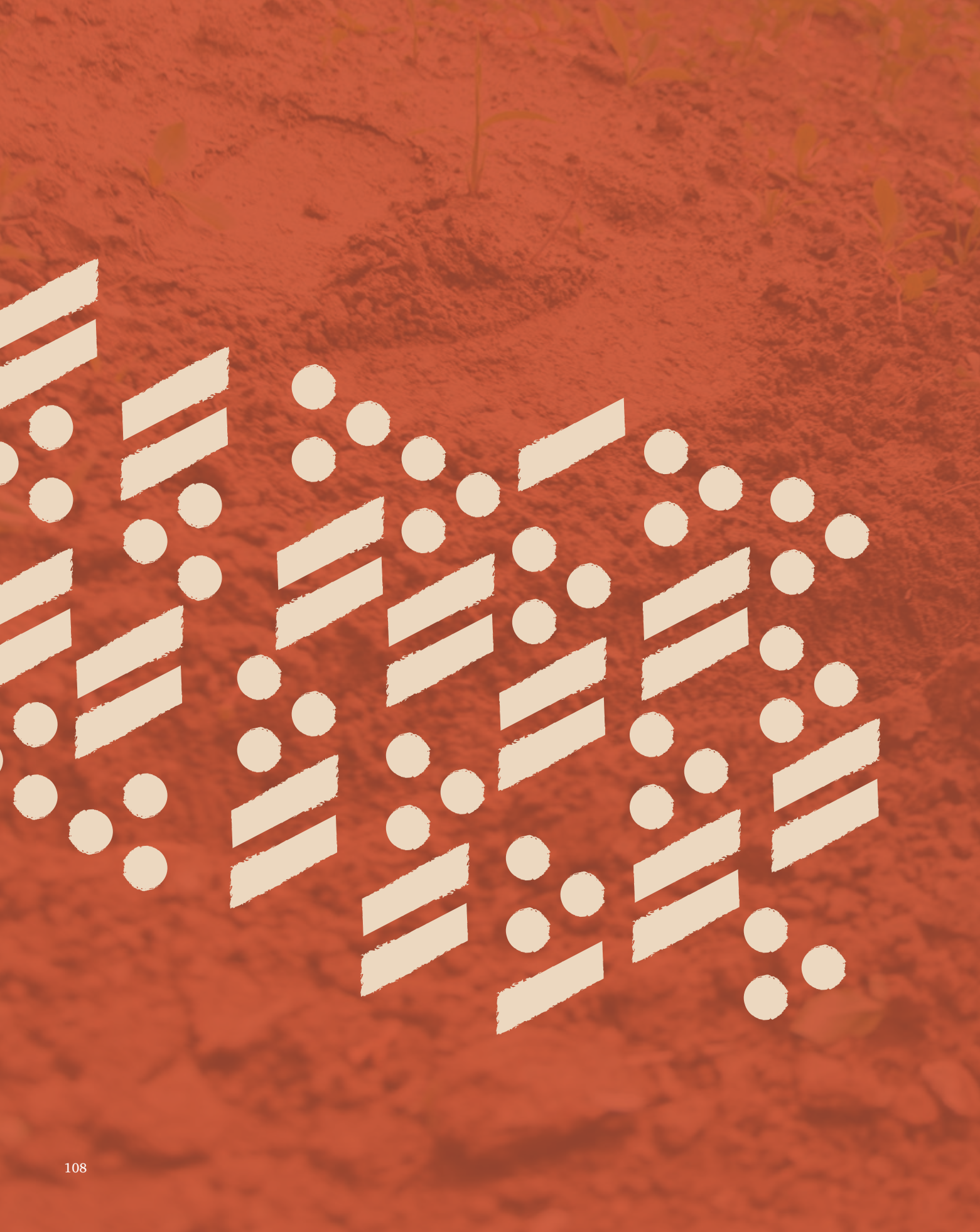


Confecção de adornos



Confecção de arco e flecha







ALIMENTAÇÃO KAINGANG

ALIMENTAÇÃO KAINGANG

Durante muitos anos os indígenas só comiam alimentos naturais, obtidos através da coleta e do plantio, da caça e da pesca. Essa subsistência era livre de agrotóxicos, perfazendo uma alimentação rica em vitaminas, nutrientes e sais minerais.

Coletavam frutos e sementes, dentre os quais os mais comuns eram: pinhão, palmito, guabiroba, jabuticaba, pitanga e araticum. Coletavam também verduras do mato, como *fuá* ou *kumĩ* (folha da mandioca brava), além de mel, tanto de abelhas como de alemãozinho, e erva mate. Caçavam antas, porcos do mato e queixadas, veados, capivaras, pacas, cotias, tatus e vários pássaros. A pesca era realizada na época certa, com auxílio de armadilhas de taquara, os paris. Os peixes eram defumados e levados para a aldeia. A agricultura era basicamente de milho, feijão, morangas e mandioca.

As comidas tradicionais eram de suma importância para o nosso povo e nossos avós tinham uma velhice saudável. Na época, eles não faziam consultas ao médico. Durante a gravidez, a alimentação era toda controlada pelas *kófas*: elas que decidiam o que a gestante podia ou não comer durante a gestação.

Era uma época de fartura, existia a mata.

“Minha avó fazia muito o kumĩ [mandioca brava] com farinha torrada ou com bolo, fuva com feijão, urtiga com pixé [milho socado no pilão] e também reaproveitava a canjinha. Meus avós plantavam para o consumo e não para comercializar”

diz Sandra de Paula, professora da EIEF Cacique Karenh.

Hoje já não é mais assim: os alimentos industrializados que chegam às comunidades têm mudado os hábitos alimentares dos Kaingang. Aliado a isso também surgiu o sedentarismo, motivado pelo uso de veículos, pelo abandono da caça, pelo fato de terem se tornado desnecessárias as longas caminhadas para o plantio e a coleta dos alimentos etc.



Ilustração do milho



Desenho de aluno sobre pilão e mão de pilão

Escola Indígena de Ensino Fundamental Sãpe Ty Kó



Orientadoras: Joaquina Jymi Fej da Silva e Cleia Salvador.

Equipe de professores: Adilson Floriano, Adriana Loureiro Rodrigues, Jorge Nascimento, Eliel Inacio, Fabrizia Kreg Paliano, Jubis Nascimento Fernandes, Laudinéia Tânhkanhero dos Santos, Lirio Cassol, Michele dos Santos, Samara Mefej Salvador, Angélica Nascimento Fernandes, Celestiel da Silva, Bernardo Rodrigues, Ederson Kofej Nascimento.

Objetivos:

- ✓ Convidar os anciões para fortalecer a nossa cultura, através da contação de histórias dos nossos antepassados.
- ✓ Fornecer aos alunos conhecimentos quanto à época certa da coleta, do preparo e do consumo das comidas tradicionais.

Relatório de atividades (01): Começamos a elaborar o projeto sobre as comidas tradicionais Kaingang, do qual toda a comunidade participou. Os alimentos ali elaborados foram: *Emi*, farofa de milho, *pisé*, carne sapecada, bolo de milho e *fuá*. A atividade prática envolveu a participação dos anciões da comunidade e é retratada nas imagens a seguir.



Preparo do *pisé*



Bolo de milho



Modo de assar o *emi*



Pisé pronto para ser consumido

Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Karenh



Orientador: Valmor Venhrá Mendes de Paula.

Equipe de professores: Altemiro Alves de Oliveira, Alécio de Paula, Sandra de Paula, Mariane de Almeida Paulino, Sonia Mara Luiz.

● PROJETO 1

Público: Alunos do ensino fundamental - séries iniciais (1^a a 5^a).

Objetivo geral: Conhecer os pontos/locais onde se encontram as folhas e caules nativas comestíveis na alimentação Kaingang.

Objetivos específicos:

- ✓ Fazer com que os alunos conheçam as folhas e caules comestíveis que fazem parte da nossa alimentação tradicional, além de alguns cogumelos.
- ✓ Transmitir aos alunos os tempos certos de coleta e os modos de preparo.
- ✓ Fazer com que os alunos indígenas valorizem a nossa culinária tradicional.
- ✓ Fortalecer esses conhecimentos nos estudantes para que, com o passar do tempo, sejam eles os transmissores desses saberes às gerações futuras.

Justificativa: As comunidades indígenas, devido ao contato com os não indígenas, deixaram alguns dos seus costumes parados ao longo do tempo. Hoje sente-se a necessidade de reacender e pôr de novo em movimento esses conhecimentos que fazem parte da nossa identidade cultural. O ponto de início desse trabalho está sendo a escola indígena, que envolve a comunidade local nos trabalhos de reconhecimento.

Metodologia: Foram convidados a participar do trabalho de campo todos os alunos, os professores que participam da Ação Saberes Indígenas na Escola e membros da comunidade para conhecermos em conjunto as folhas e caules nativos comestíveis. O preparo de cada alimento foi feito no seu modo específico, tendo em vista que alguns merecem cuidados especiais porque podem chegar a ser tóxicos, caso não sejam bem preparados. Foi trabalhada a teoria em sala de aula de acordo com o que foi realizado na prática.

● PROJETO 2

Público: Pré-nível 4 e pré-nível 5 multisseriada; 1º, 2º e 3º anos multisseriada; 4º e 5º ano multisseriada.

Objetivo geral: Trabalhar conteúdos sobre a alimentação tradicional Kaingang buscando apresentar aos alunos um pouco da história do nosso povo através do tema alimentação, considerando que a alimentação está relacionada a costumes, modo de vida, organização familiar, território e tempo. Esse tema tem como princípio fundamental o relato das pessoas mais velhas da comunidade. Os conteúdos sobre alimentação incluem: folhas, frutos, plantas, raízes, caça e pesca.

Objetivos específicos:

- ✓ Convidar anciões da comunidade para contar como era a alimentação tradicional na sua época.
- ✓ Elaborar atividades sobre alimentação tradicional Kaingang, tais como: lista de nomes das comidas, ortografia do nome das plantas, produção de textos a partir da alimentação tradicional.
- ✓ Elaborar questionários dirigidos aos índios mais velhos da comunidade quando das pesquisas.
- ✓ Trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar relacionando-os com fatos históricos, culturais e científicos.

Metodologia:

- ✓ Fazer leitura individual e coletiva dos conteúdos apresentados pelos professores e a partir deles produzir textos, elaborar atividades para expor em painéis e cartazes.
- ✓ Fazer pesquisa do nome científico das plantas e dos animais. Em relação às plantas, estudar a época de floração e frutificação; em relação aos animais, fazer biografias com época de reprodução, quantidade de filhotes, tipo de alimentação, habitat, tamanho do corpo etc.
- ✓ Relacionar as pesquisas com plantas e animais à alimentação e à questão medicinal.
- ✓ Relacionar os conhecimentos científicos aos conhecimentos tradicionais.
- ✓ Elaborar receitas de alimentação tradicional, construir gráficos e tabelas para relacionar as espécies, suas características e funções.
- ✓ Dirigir-se às casas das pessoas mais velhas para entrevistá-las.
- ✓ Escrever as biografias das pessoas entrevistadas.
- ✓ Pesquisar a respeito da alimentação na época dos pais.
- ✓ Aprender como preparar nossos alimentos.
- ✓ Ministras aulas de campo para aprofundar o conhecimento vivo de nossas plantas nativas e suas qualidades.
- ✓ Levar os alunos nas casas das pessoas para pesquisar como são preparados os alimentos tradicionais.
- ✓ Levar as pessoas da comunidade na escola para fazer um intercâmbio de conhecimentos.
- ✓ Trabalhar de forma que os alunos interajam na preparação dos alimentos.





Ida ao mato para busca de ervas, preparo dos alimentos e alunos com suas atividades.

Conteúdos:



URTIGÃO DO MATO

É uma planta de folhas grandes, possui espinhos. Muito gostosa de comer, seu caule é oco. Guarda água nele, a qual podemos beber. Quando estamos no mato, bate a sede e estamos longe de um rio, procuramos um pé de urtiga, furamos seu caule e assim podemos beber água.

Época de coleta: Os meses de coletar são agosto, setembro e outubro, época em que as folhas e o caule estão moles e por isso fica fácil cozinhá-los.

Como coletar: Cortamos apenas suas pontas com as folhas menores.

Modo de preparo: Em uma panela com água fervendo, colocamos as folhas. Após alguns minutos, a água fica verde: então jogamos a água fora e temperamos as folhas cozidas a gosto. Sua mistura pode ser o bolo assado na cinza ou pixé (*pise*).



CARAGUATÁ DO BANHADO

É uma planta de folhas longas e igualmente possui espinhos. Existe também o caraguatá do seco, mas esse não é bom de comer. O caraguatá do seco tem folhas verdes e o caraguatá do banhado possui folhas e o caule azulado. Somente o caraguatá do banhado é comestível e tem valor medicinal.

Como coletar: Corta-se a pele da planta, tira-se todas as folhas duras, deixando somente as folhas moles. Em seguida, parte-se ao meio, tira-se os espinhos do interior da planta e corta-se como um repolho.

Modo de preparo: Ferve-se a água e coloca-se o caraguatá para ferver. Quando a água estiver branca, retira-se a água e tempera-se o caraguatá a gosto. Podemos também misturar o feijão, ou temperar separado em forma de repolho. Outra mistura pode ser com pixé (*pise*), bolo ou farinha torrada.



MANDIOCA BRAVA DO MATO

É uma planta com folhas idênticas à mandioca comum. A diferença é que ela não fornece a sua raiz como alimento e sim as folhas. Sua época de colheita é agosto e setembro, pois nesse período suas folhas estão na fase em que podem ser ingeridas como alimento. Essa planta tem substâncias tóxicas e por isso deve ser usada com muito cuidado por pessoas que conhecem o seu modo de preparo.

Como preparar: No mato coletamos somente as folhas mais novas, ou seja, as suas pontas. Em casa, socamos as folhas no pilão até virar um bagaço. Em seguida, levamos ao fogo em água fervendo e deixamos lá por 15 minutos. Quando a água estiver amarela, jogamos a água fora e colocamos outra água para ferver. Deve ser fervido três vezes em três águas. Na quarta água já podemos temperar a gosto. Sua mistura pode ser arroz, feijão, carne de porco, bolo na chapa, bolo na cinza etc.



COGUMELO BRANCO

Costuma nascer em troncos de árvores em fase de apodrecimento e os índios mais velhos o chamam de orelhas de pau. Existem dois tipos de orelha de pau: o branco e o vermelho. O branco serve de alimento enquanto o vermelho é venenoso e não pode ser ingerido.

Com o excesso de chuvas nascem esses tipos de fungos em árvores caídas e em fase de decomposição. Eles ficam vivos até três dias, quando morrem. Devemos procurá-los logo depois da chuva, pois se deixarmos passar um dia eles murcham e não servem mais para alimentação. Segundo os mais velhos, o reflexo dos olhos humanos faz mal a esses cogumelos, por isso eles morrem em seguida.

Modo de preparo: Coloca-se na água fervendo e depois joga-se a água fora, temperando-se com sal e banha. Serve de mistura o pixé (*pise*), o bolo de milho socado ou a farinha torrada. Também é possível assá-lo na brasa como carne, pois o mesmo tem sabor de carne de galinha.



VARANA

Seu caule é mole. Costuma nascer em terrenos ondulados e com pedregulhos. Sua época de coleta é quando suas pontas estão moles. Cortam-se as pontas e tiram-se todas as folhas duras, deixando apenas a ponta do tronco, que é mole. Então podemos fazer a preparação em forma de picadinhos ou partido ao meio. Cozinhamos, jogamos a água da primeira fervida fora e depois temperamos. Serve de mistura arroz e feijão ou apenas bolo e pixé (*pisé*). Também pode ser assado na cinza como é assada a batata doce.



SAMAMBAIA PRETA

Essa planta nasce e cresce na mata, na beira dos rios ou riachos e também nos banhados. Sua época de coleta é agosto e setembro, quando suas raízes estão todas brotadas. Sua parte comestível é apenas os brotos novos antes de se tornarem folhas. Seu modo de preparo é o mesmo modo de se preparar a urtiga: coloca-se na água fervendo, depois joga-se a água fora e tempera-se com banha e sal. Sua mistura pode ser farinha torrada, bolo na cinza ou pixé (*pisé*).



Atividades desenvolvidas:

GĀR TÁNH TỸ ĒMĨ

Vāsỹ inh povo kanhgág vỹ vễjẽn pẽ ag nĩgtĩ, kar ag tỹ nẻn ỹ pẽ ag. Gār tánh tỹ vễjẽn e hyn han tĩ kã. Kanhgág ag ga mĩ, kanhgág e ag vỹ gār tánh rán rár tỹ ẻmĩ han tĩ. Ty fẻj tỹ ẻg ẻmĩ pãg tĩ kar mrẻj ki grãg tĩ. Tĩ rán rár tỹ nẻnh kỹ ko há nĩ gẻ, ẻn to ẻg kãrãm ke tĩ.



Gār tánh rán rár vỹ ko há nĩ, rẻgrỏ to, nẻn kãmĩ kafẻj ag, ẻkrẻnh ag nĩ, ửri hamẻ porko nĩ, garẻnh nĩ kar ỹ ag ke gẻ.

O BOLO DE MILHO VERDE

Tempos atrás, o meu povo Kaingang tinha suas comidas tradicionais, bem como seus costumes próprios. Com o milho verde eram feitas diversas comidas. Nas terras indígenas Kaingang ainda são feitos os bolos de milho ralado.

A massa, conhecida como bolo na cinza, é colocada no caeté e depois no borralho do fogo. Essa massa também pode ser cozida: nesse caso, é conhecida como mingau.

O bolo de milho verde ralado pode ser comido com feijão, folhas da mata e/ou carne de caça, mas atualmente se come também com carne de porco, de frango etc.

1º ỄG VỄ QUE VỄNHRÁ
SỄ AG TỸ FÓG VÍ KI RÁN
RÁN NỄ:

2º ỄG VỄ KI VỄNHRÁ AG
TỸ FÓG VỄ KI RÁN RÁN:

bolo	galinha	fẻj	ag
comida	hoje	pĩ	ẻkrẻnh
cozinhar	verde	han	porko
gostoso	assar	gār	pãg

Cruzadinhas

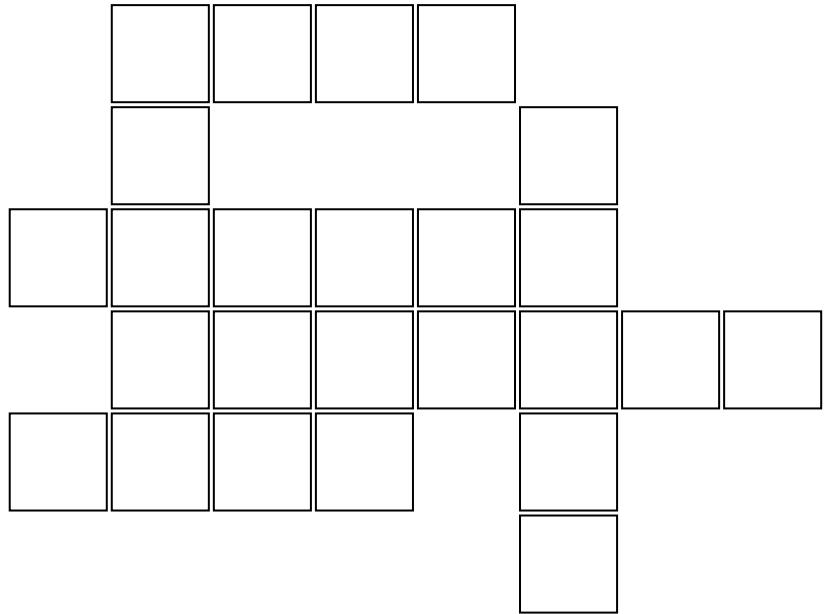
1- PLANTA

2- FLOR

3- FOLHA

4- FRUTO

5- CAULE



1- JAKRÉ

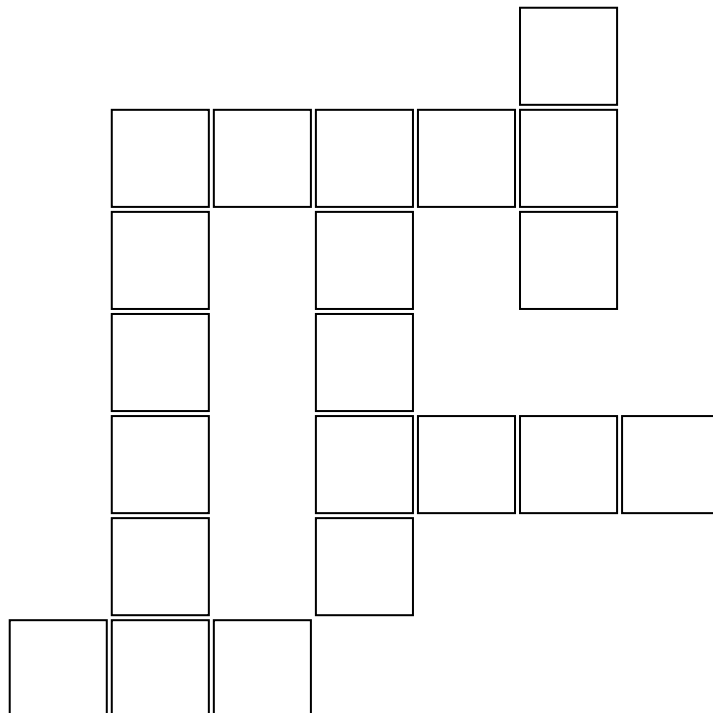
2- FEJ

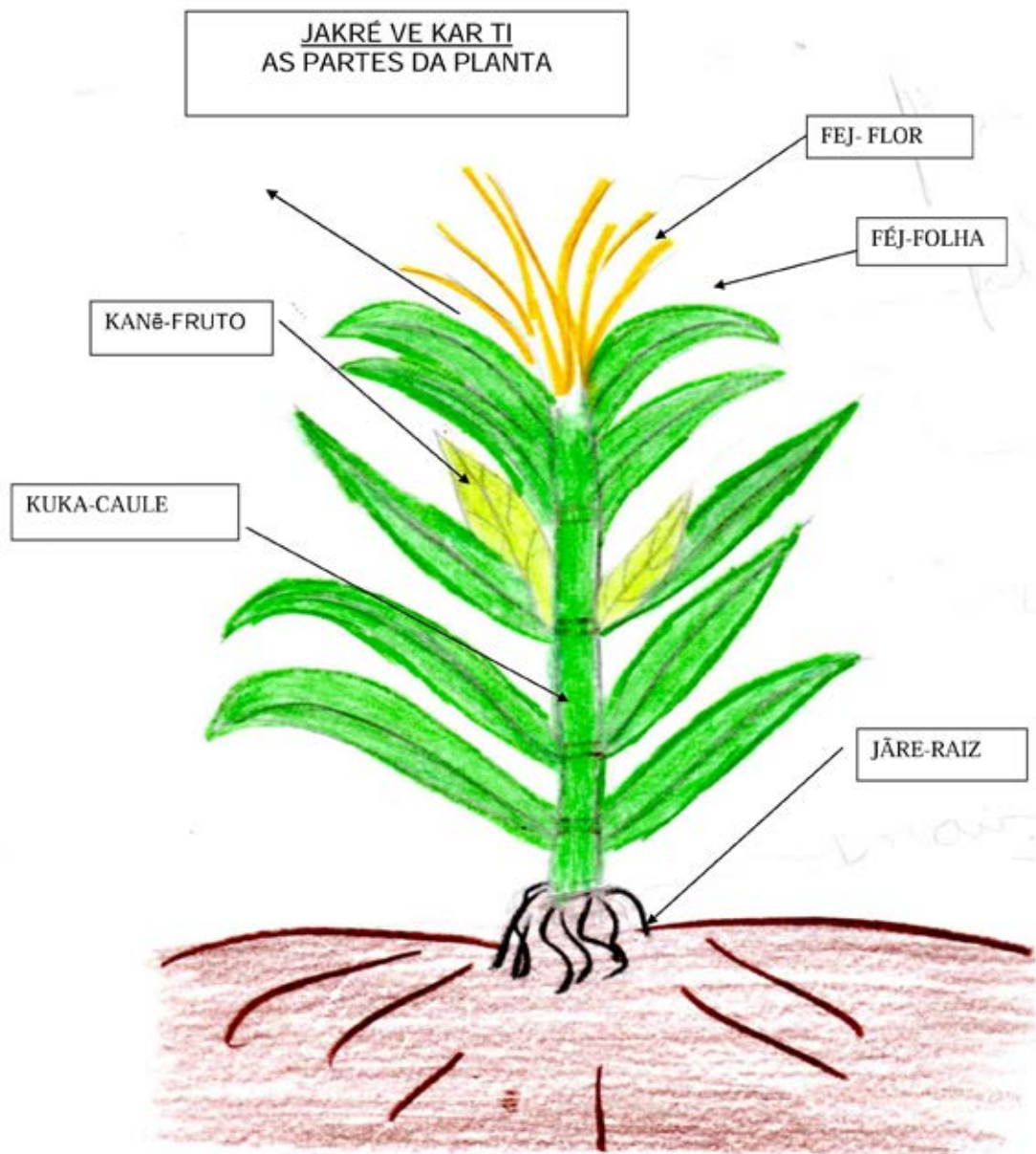
3- FÉJ

4- KANÊ

5- KUKA

6- JÃRE





Nome das partes da planta em Kaingang

Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro



Orientador: Levi Feliciano.

Professora: Clair Roque.

Público: Alunos do ensino fundamental - séries iniciais (1ª a 5ª).

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos conhecimento cultural quanto ao preparo e degustação das comidas tradicionais Kaingang.

Objetivos Específicos:

- ✓ Fazer uma pesquisa sobre as variedades de comidas típicas da nossa cultura Kaingang.
- ✓ Convidar pessoas da comunidade a participarem do preparo e degustação das comidas tradicionais.
- ✓ Proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e degustar as comidas Kaingang.

Justificativa: Percebemos que as famílias perderam o hábito de fazer as comidas tradicionais, passando a procurar mais alimentos industrializados. Sendo assim, sentimos a necessidade de resgatar o costume das comidas tradicionais pelo fato de se tratar de alimentos saudáveis que trazem benefícios para nosso organismo, sem riscos à saúde.

Metodologia:

- ✓ Pesquisa com familiares e pessoas mais velhas da comunidade.
- ✓ Realização de leituras.
- ✓ Elaboração de cartazes.
- ✓ Coleta de alimentos para os ingredientes.
- ✓ Produção das comidas junto com os alunos.
- ✓ Produção de receitas da culinária indígena.
- ✓ Registro das atividades desenvolvidas por meio de fotografias.

✓ Produção de textos e desenhos sobre o tema.

Relatório de atividades (01):

1ª etapa: Saída de campo com os alunos do 5º ano para aprender a fazer a canjica. Fomos até a casa da anciã Dirlei Benedito, no período matutino. A saída de campo foi muito divertida, pois o preparo foi uma novidade para muitos alunos que só conheciam a canjica pronta.

Durante esse período, professores e alunos tiveram a oportunidade de participar das etapas do preparo. A senhora Dirlei ensinou e mostrou os tipos de milho que são utilizados na canjica, como de bulhar, como temperar o milho no pilão (com cinza e água morna), a quantidade a ser utilizada, como socar e, depois, como peneirar. Esse alimento foi trazido para a escola, para que os alunos fizessem a degustação.





Alunos participando do processo de preparo da canjica



Ancião Dirlei Benedito mostrando o passo a passo do preparo da canjica

2ª Etapa: Da saída de campo, os alunos voltaram para a sala de aula e realizaram algumas atividades no papel e outras atividades práticas. Foram feitas receitas e brinquedos antigos, todos tendo como matéria prima o milho. Foram utilizados os grãos, o sabugo, a palha e o cabelo do milho.

BRINQUEDOS TEBB 5º ANO

As crianças da comunidade indígena confeccionam seus próprios brinquedos.



- A peteco serve para brincar → Bêlica
- A peteco serve para jogar
- As sementes de mandioca de comida com o elástico → comida
- As sementes de mandioca
- O qôn serve para flutuar de Boreco → qôn
- O qôn serve para fazer canoa
- O calor é feito de qôn → calor
- O calor é feito para colocar no cesto

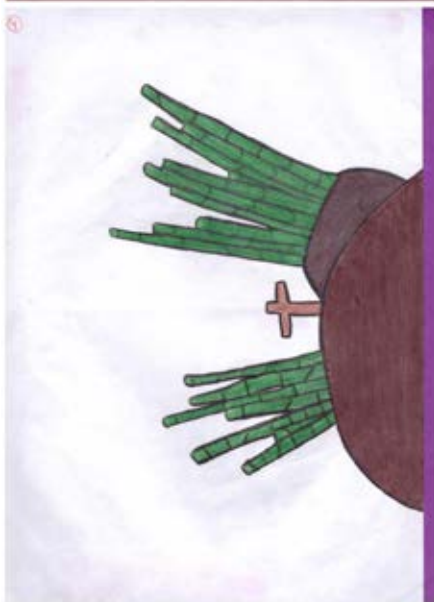
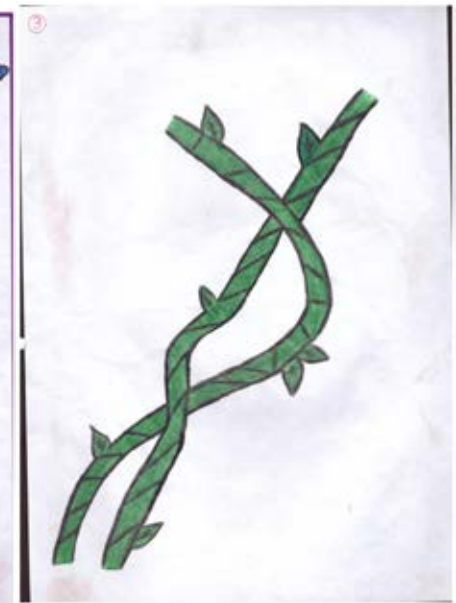


Desenhos e textos sobre brinquedos

3ª etapa: Foi confeccionada uma pirâmide alimentar com os nutrientes e a história do milho. Essas atividades foram trabalhadas em grupo com os alunos, a fim de propiciar trocas de ideias e conhecimentos entre eles.



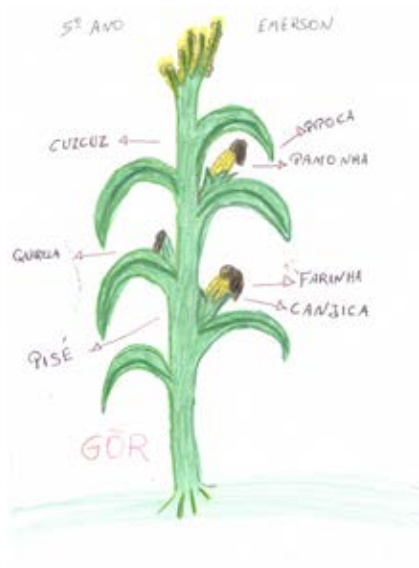
Calendário agrícola e pirâmide alimentar



Os filhos e a esposa de Deus começaram a fazer di-
gitar que não faziam tal coisa e não a tinham feito
com ninguém.
E quando eles se foram de casa e se foram a fazer
e quando eles se foram a fazer e quando eles se foram
de fazer e não a tinham feito com ninguém.



Desenhos feitos sobre a lenda do milho



Trabalhos desenvolvidos em sala de aula sobre o milho

Instruções para identificação e preparo:

MANDIOCA BRAVA

Modo de fazer: socar os brotos das folhas no pilão, depois ferventar e trocar a água várias vezes.

Misturas: virado, bolo e canjica.

RADICHA (RADICHE)

Ingredientes: radicha, sal e banha.

Modo de preparar: lavar a radicha, esquentar a banha e jogar por cima.

Mistura: polenta e arroz, também pode fazer salada.

PISÉ

Ingredientes: milho seco e cinza.

Modo de preparar: socar no pilão, passar na peneira fina.

Mistura: canjica, farofa, bolo na cinza.

URTIGA

Ingredientes: urtiga, água, sal e banha.

Modo de preparar: ferve-se a urtiga na água com sal e banha.

Comer com farinha de milho torrada.

Misturas: polenta, canjica, farinha seca, bolo assado na cinza.

CANJICA

Modo de preparar: debulhar o milho e colocá-lo no pilão com cinza e água. Socar por alguns minutos. Depois de socado, abanar bem e colocar para cozinhar por algumas horas.

Misturas: carnes, feijão e leite.

SERRAIA (serralha)

Ingredientes: serraia, sal e banha.

Modo de preparo: ferventar a serraia, depois fritar com banha e sal.

Misturas: polenta e carne.

TATU

Modo de preparar: tira-se a casca do tatu e ferventa-se. Depois pica-se a carne para a fritura.

Misturas: bolo na cinza e canjica.

BOLO NA CINZA

Ingredientes: farinha de trigo, água, sal e fermento.

Modo de preparar: misturar os ingredientes, formar a massa, depois sovar e assar na cinza.

Mistura: carne, feijão.

MANDIOCA

Modo de preparar: cozinhar descascada ou assar com a casca na cinza.

Mistura: carne de tatu, de ratão ou porco.



Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro



Orientadores: Janete de Paulo e Levi Feliciano.

Equipe de professores: Jussara de Oliveira Belém, Silvones Karai Martins, Clair Roque, Dalgir Pacífico, Elizangela de Oliveira e Catarina Roque.

Público alvo: Alunos do 9º ano.

Justificativa: Os nossos alunos precisam conhecer, valorizar e respeitar a cultura de nosso povo Kaingang. Embora os costumes tenham se perdido em parte, em nossa aldeia nunca podemos deixar de lado nossa tradição e nossos costumes, sendo que muitos destes podem ser resgatados. A escola é o melhor lugar para discutir com nossos alunos sobre esse assunto. Existem vários tipos de alimentos tradicionais Kaingang que são saudáveis e nutritivos. Exemplo disso é o bolo na cinza, se for feito corretamente.

Objetivo geral: Despertar em nossos alunos o interesse por conhecer e preservar a nossa cultura. Mostrar aos mesmos os tipos de alimentos saudáveis e naturais que existem e fazem parte da cultura Kaingang.

Objetivo específico: Preservar a tradição e os costumes do povo Kaingang e despertar o conhecimento de diversos tipos de alimentos saudáveis e nutritivos existentes na cultura, pois ele pode mudar os hábitos alimentares para uma saúde melhor.

Atividades desenvolvidas:

- ✓ Na disciplina de Português: Produção de texto, linguagem e escrita, ortografia, gramática, receitas do bolo na cinza.
- ✓ Na disciplina de Língua Kaingang: Desenhos, figuras e gravuras com a escrita na língua Kaingang; pequenos textos sobre o *emĩ* (bolo na cinza); palavras e frases em Kaingang.
- ✓ Na disciplina de Artes: Desenhos demonstrativos do caminho da escola até a casa de dona Norma Pinto; desenhos dos alimentos que foram feitos na saída de campo.

Relatório de atividades (01): Saída de campo dos alunos do 9º ano na aldeia de João Veloso, para conhecer e participar do preparo do bolo na cinza. Os alunos do 9º ano foram, no mês de novembro de 2015, juntamente com os professores da equipe, na casa da anciã Norma Pinto. Nessa saída, os alunos puderam conhecer a forma como é feito o bolo na cinza e participar do processo. Dona Norma explicou e mostrou os ingredientes utilizados, preparou a massa e mostrou como fazer o fogo (os alunos fizeram essa parte). O bolo foi assado e servido para os alunos, com carne assada na brasa. Dona Norma também preparou uma bebida que era feita pelos Kaingang, a guaraça, de açúcar queimado.

Atividade aplicada em sala de aula com o 9º ano: desenhos sobre a trajetória até a casa de dona Norma.



SAÍDA DE CAMPO

No mês de novembro em 2015, houve uma saída de campo com os alunos do 9º ano da escola E.I.F. Foz de Iva, juntamente com os professores Br. Sandra, Janete, Sivanete, Catarina, Valquíria, Br. Angélica, Luciana e a Glor. Foi muito bom, fizemos um percurso longo até a Sr. Norma, onde aconteceu as atividades. Primeiro da escola era aproximadamente umas 30:30.

Quando chegamos lá, pedimos para fazer a massa passada e saber como eram as comidas típicas das massas antepassadas, aprendemos como era feito o fogo para a preparo das comidas e até no campo, o preparo das carnes assadas na brasa em um furo, foi muito bom uma experiência nova que se faz possível repetir outras coisas ficamos muito gratos, por que podemos voltar ao tempo para o e resgatar as raízes que não muito tempo houve se perdido, foi uma experiência incrível voltar ao passado e por algumas horas poder viver um um mundo maravilhoso que massas antepassadas viviam.

Glutem

Atividade aplicada em sala de aula com o 9º ano: produção de textos sobre a saída de campo.

Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê



Orientadora: Josiana Gonçalves.

Equipe de professores: Anderleia Jacinto, Clarice Paliano, Cristina de Fátima Silva, Daiane Ribeiro Lemos, Edimara Alves, Elisane Ferreira Doble, Elisandra Pedroso, Elizete Pedroso, Elinei Pedroso, Ezoneide Alípio, João Maria Pinheiro, Juciane Pinheiro, Jucimara Gonçalves, Luiz Fernando de Lima, Sonia da Luz de Oliveira Borges.

Introdução: No ano de 2015 iniciou nas escolas indígenas o Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, financiado pelo MEC, e em nosso Estado coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação. A presente capacitação vem ao encontro do que se espera nas escolas indígenas, um momento a mais para podermos trabalhar concomitantemente o conhecimento científico e o conhecimento milenar de nossos antepassados.

A prática de aliar esses dois conhecimentos já vinha sendo feita, porém agora surge uma nova proposta que, acreditamos, aprimorará ainda mais esses saberes. Optamos por desenvolver o projeto sobre sustentabilidade, com ênfase na alimentação, pois precisamos conhecer nosso passado para entender nosso futuro.

Nosso grupo é bem diverso, composto por professores desde o 1º ano do ensino fundamental até a 3ª série do ensino médio. Sendo assim, cada professor adequou as atividades à disciplina e série em que leciona, ocasionando certamente ótimos resultados.

Justificativa: Durante séculos nosso povo conviveu com a natureza de forma sustentável, podendo fazer trocas com a mesma, utilizando-a somente para sua subsistência. Ocorre que depois da invasão dos europeus e do seu genocídio sobre os povos indígenas, da posterior criação das reservas indígenas e da expansão total do capitalismo, tudo mudou. Vivemos hoje tempos muito diferentes dos vividos por nossos ancestrais. Nossa alimentação não é mais natural, pois ingerimos muitos alimentos industrializados e há grande descaso com

o meio ambiente, pois, mesmo depois da criação das reservas, foi subtraída das mesmas praticamente toda a mata nativa, com acento para a araucária, restando hoje pouquíssimos recursos naturais.

Baseados nisso, optamos pelo tema sustentabilidade, pois, além de melhorar os hábitos alimentares de nossos educandos e consequentemente da comunidade, buscamos empreender ideias de sustentabilidade, como a jardinagem e a horta. Trabalharemos o conhecimento e a revitalização do uso de alimentos tradicionais, propiciando mais saúde e bem-estar, além de melhorar a comunidade como um todo, pois a relação homem/natureza precisa ser uma parceria na qual nenhum seja prejudicado e ambos possam conviver como faziam nossos antepassados. Não podemos dirimir o que aconteceu no passado, mas certamente podemos fazer escolhas que melhorem nosso futuro.

Objetivo geral: Revitalizar a cultura material do povo Kaingang no que diz respeito a alimentos tradicionais, bem como a valorização dos conhecimentos de coleta e agricultura de nosso povo, juntamente com a conscientização da importância de viver de forma sustentável.

Objetivos específicos:

- ✓ Propiciar aos educandos conhecimento da época e forma de plantio de cada alimento.
- ✓ Conhecer os alimentos, o processamento de cada um deles, bem como a forma de coleta, além do valor nutricional e sua importância para o povo Kaingang.
- ✓ Conhecer as lendas e mitos dos alimentos.
- ✓ Estudar e conhecer as fases da lua.
- ✓ Integrar os anciões da comunidade, através de entrevistas, palestras, conversas e pesquisas de campo.
- ✓ Desenvolver atividades com material reciclado.
- ✓ Realizar atividades de jardinagem e horta.
- ✓ Elencar conceitos científicos, através dos conceitos da cultura

Kaingang abordados, que podem ser trabalhados concomitantemente, além da alfabetização e do letramento, sem esquecer as especificidades de cada disciplina que for envolvida no projeto.

Metodologia: O empirismo fundamentou o projeto desenvolvido, fizemos pesquisa de campo, através de entrevistas, bem como palestras e aulas práticas, sempre valorizando o conhecimento de nossos anciões. Utilizamos também leituras de livros, buscando aliar os conhecimentos científicos e empíricos de nossa comunidade.

Relatório de atividades (01):

1ª etapa: No primeiro momento, explicamos aos alunos como seria desenvolvido o projeto sobre alimentação indígena.

2ª etapa: As atividades dos alunos de 1º ano foram realizadas através de recortes e colagens de alimentos indígenas e leitura das famílias silábicas e formação de palavras através de imagens de alimentos indígenas.

3ª etapa: Foi realizado o plantio de alguns alimentos indígenas (mandioca e abóbora) na horta da EIEB Cacique Vanhkrê. Visitamos a aldeia Serrano, localizada na TI Xapecó, para conhecermos algumas árvores frutíferas que ainda existem nessa comunidade, tais como: jabuticabeira, amoreira, butiá, uvaia, pitangueira, capote, guabiroba e pinheiros. No período de visita só foram encontrados frutos em jabuticabeiras. Após a visita foram desenvolvidas atividades em sala de aula, como desenhos e formação de palavras.

4ª etapa: Para os alunos de 5º ano as aulas foram realizadas dentro e fora da sala de aula. Em sala foram produzidos desenhos, receitas dos alimentos Kaingang, histórias em quadrinhos e pequenos textos realizados pelos educandos em relação ao assunto em estudo.

5ª etapa: Nas aulas de campo foram visitados alguns anciões, para que os mesmos falassem sobre como era a alimentação Kaingang, como é hoje e porque mudou.

6ª etapa: Em um segundo momento foram preparadas as comidas Kaingang na casa de uma professora. Duas anciãs fizeram os alimentos e mostraram aos alunos o modo certo de preparar os alimentos Kaingang, passo a passo.



7ª etapa: Foram plantadas algumas árvores nativas no pátio da escola, sendo que a turma toda participou, inclusive o aluno cadeirante.



Alunos plantando mudas

8ª etapa: Visita até a mata para que os alunos pudessem conhecer as árvores frutíferas (pé de jabuticaba), percebendo assim como é a fruta na árvore e, por fim, degustarem o fruto.

9ª etapa: Em sala de aula desenharam a árvore de jabuticaba.

10ª etapa: Levamos os educandos a aprender como é o preparo da canjica. Os alunos ajudaram a socar e peneirar o milho e, uma vez pronta a canjica, foi feita a degustação. Já em sala de aula foi trabalhada a importância do milho na agricultura hoje e também quais são seus derivados. Trabalhamos a formação de palavras e a noção de quantidades.



Aula prática entre sábia e alunos

11ª etapa: Formação de palavras, a partir das letras da palavra M I L H O.

12ª etapa: Leitura/escrita de famílias silábicas e formação de palavras: MA ME MI MO MU.

13ª etapa: Grafia dos números e também dos derivados do milho.



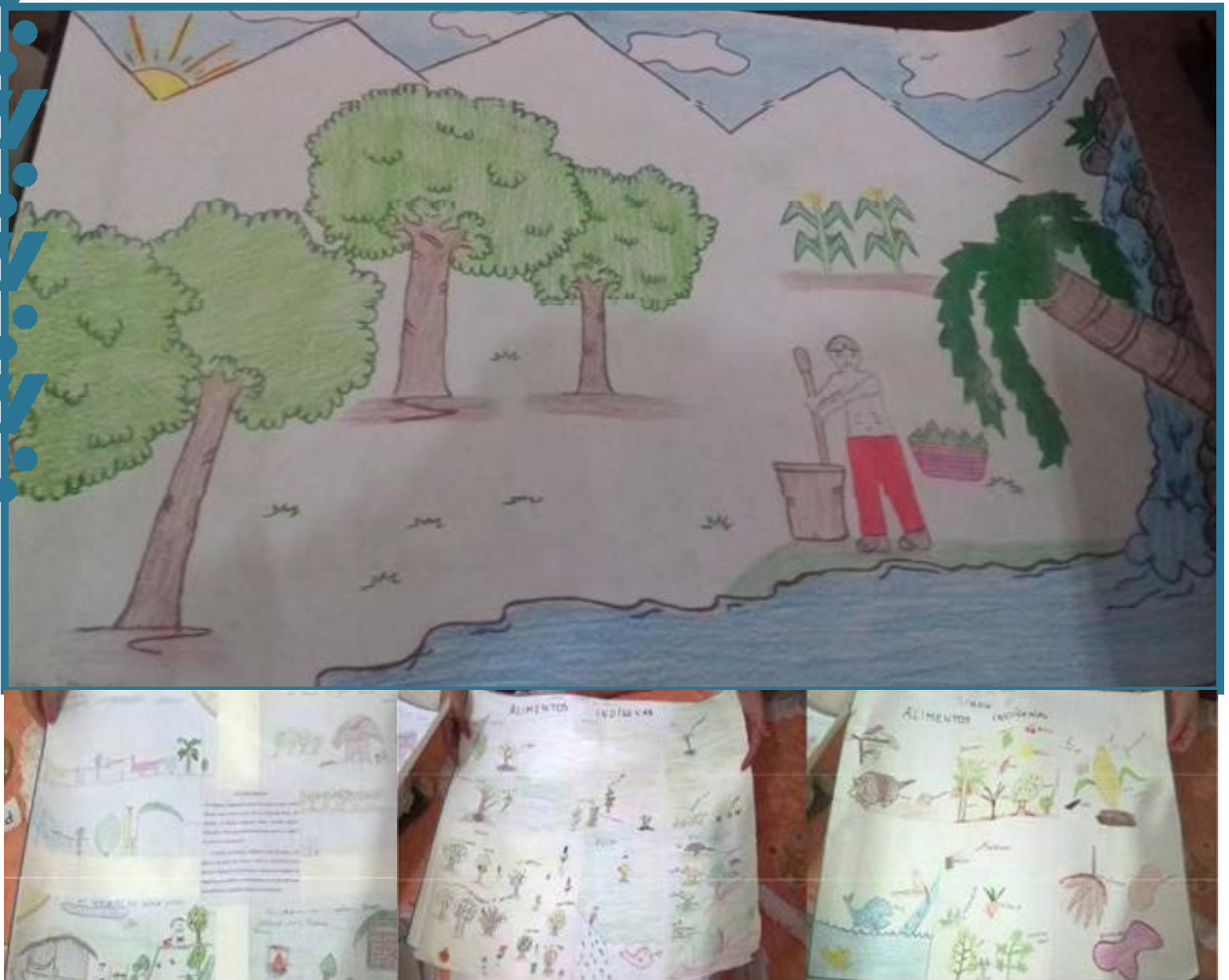
Grafia dos números e dos derivados do milho



14ª etapa: Plantio de mandioca com os alunos, explicando a época de plantio e colheita de hortaliças.

15ª etapa: Formação do nome dos alimentos.

16ª etapa: Produção de desenhos e história em quadrinhos.



Trabalhos desenvolvidos em sala de aula

Relatório de atividades (02): As atividades foram iniciadas com a saída dos alunos da escola com destino à mata da Terra Indígena. Num primeiro momento, foram conhecidas algumas ervas medicinais e foi explicado como as mesmas são utilizadas para o combate de algumas doenças, tudo acompanhado pela sábia Maurícia da Silva Pinheiro. Em seguida a turma entrou na mata para conhecimento da árvore que produz a fruta da jabuticaba, pois era época dessa árvore produzir frutos, que estavam maduros para a coleta.

Essa visita foi desenvolvida com uma turma que tinha um aluno cadeirante, incluído da mesma maneira na visita à mata. Foi feita a coleta de alguns frutos pelos alunos, oportunidade na qual a anciã explicava que a casca de jabuticaba também pode servir de chá, para o combate de doenças.



Saída de campo
sobre a jabuticaba



Em outro momento foi desenvolvido o plantio de algumas árvores frutíferas e nativas entre os alunos da escola da aldeia Pinhalzinho, sendo que foi explicada a importância da preservação das matas que ainda restam na TI Xapecó e dos frutos que algumas delas podem produzir se cada um fizer a sua parte.

Também foram elaboradas comidas juntamente com os alunos e a anciã Sebastiana Jacinto, oportunidade na qual ela explicava na escola a maneira correta de preparo. Logo após houve a degustação pelos alunos, muito apreciada.



Alunos aprendendo com a anciã Sebastiana Jacinto

Relatório de atividades (03):

1º momento: Visitamos a casa da anciã Matilde Koito e em seguida fomos para a mata em sua companhia para conhecer algumas plantas e árvores frutíferas que fazem parte do sustento dos Kaingang.



Dona Matilde

2º momento: Junto com a anciã Matilde Koito, os alunos colheram os alimentos tradicionais para conhecê-los e aprender a prepará-los.

3º momento: Foram reunidos os alunos para que as anciãs Matilde e Laudelina Siqueira ensinassem a preparar a mandioca brava, o bolo na cinza, o pixé e a canjica.



Preparo do pixé com a anciã Laudelina Siqueira



Na sala de aula, os alunos fizeram desenhos, cartazes, quebra cabeças e jogos da memória sobre as comidas típicas Kaingang.



Desenhos dos alunos

Relatório de atividades (04):

Atividade 1: Jogo caça-palavras, curiosidade, leitura e escrita.

Habilidades estimuladas: atenção, concentração, percepção visual, interação, leitura e escrita.

Desenvolvimento: Esse jogo foi confeccionado em bandejas de ovos

e tampas de garrafas pet, utilizando materiais recicláveis cobertos com material EVA. Cada tampinha ganha uma letra do alfabeto e assim são formadas palavras relacionadas às frutas do povo Kaingang. Em seguida, o educando deve visualizar o caça-palavras e encontrar as palavras que estão em uma folha ou no quadro negro, ficando a critério do docente a melhor forma da construção da aprendizagem do estudante.





Jogo caça-palavras

Atividade 2: Estimular através do jogo da memória a atenção e a classificação, para melhor desenvolvimento nas atividades do dia a dia.

Habilidades estimuladas: concentração, coordenação motora, interação com o colega, percepção visual, atenção, perdas, ganhos e cores.

Desenvolvimento: Esse jogo foi confeccionado em copos de iogurte, com pares das imagens das frutas do povo Kaingang (jabuticaba, araticum, banana, coco, butiá, guabiroba, uvaia, pitanga e guamirim), uma colorida e outra preto e branco.



Atividade 3: Identificar o local onde encontramos a fruta, conhecer a árvore, a fruta, o gosto, as cores e como e quando se faz a colheita.

Habilidades estimuladas: percepção visual, tamanhos, cores, o paladar para consumir alimentos saudáveis e as estações do ano nas quais podemos degustar essa fruta.

Desenvolvimento: deslocamento da escola até o local do jabuticabal com a nossa anciã Matilde Koito, degustação da fruta no local, palestra da anciã sobre o surgimento daquelas árvores frutíferas naquele local e seus benefícios para a saúde. Posteriormente, em sala de aula, foi proposto aos educandos elaborar um desenho sobre o que eles observaram no local e o que eles mais gostaram.



Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen nó



Orientadoras: Ivanir de Oliveira e Vanda de Oliveira.

Equipe de professores: Adriane da Veiga, Alexandre da Veiga, Armindo Pinto, Felipe Luiz Montemezzo, Iara Campolim, Indiamara de Oliveira, Janete da Veiga, Janice Domingos, Jessica Aparecida Rodrigues, Jurema de Fátima de Oliveira, João Batista Antunes, Mario Antunes, Marizete Antunes, Marizete da Veiga, Maura Fumagalli, Paulo Marcio Pinheiro, Pedro de Oliveira, Rosilei Barbosa, Santa Maria Antunes, Simoni Fernandes e Vanisse Domingos.

Objetivo geral: Conhecer e valorizar os alimentos típicos da cultura Kanhgág enriquecendo o aprendizado dos alunos indígenas.

Desenvolvimento: Primeiramente a ação ocorreu nas casas das anciãs Rosa de Paula e Maria Celestrina Rodrigues, as quais foram visitadas e com as quais desenvolveram-se conversas sobre a temática.



Visita à casa das anciãs Rosa de Paula e Maria Celestrina Rodrigues

Com a turma de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental saímos para coletar as folhas consumidas pelos Kanhgág. Fomos até uma roça próxima à escola para colher beterraba do mato, *fuva* (fuá), *ranisa* (radiche) e *siraj* (serralha).

Após a coleta, os professores e as crianças voltaram, sentaram-se à sombra para a seleção das folhas que, cuidadosamente feita, possibilitou o preparo final na cozinha.

A mistura foi bolo na cinza. As crianças adoraram a degustação dos alimentos, pediram inclusive para se repetir a prática de preparo dos mesmos.

Sobre a culinária do povo Kanhgág e Guarani:

Para a elaboração do fuá são coletadas as folhas mais novas. Tira-se dos galhos somente as folhas que servem para o preparo e, em seguida, coloca-se para cozinhar com sal. Ao tempo de 30 minutos retira-se do fogo e coa-se num recipiente para que caia toda a água. Em seguida, tempera-se com banha e torresmo ou azeite.



Seleção do fuá e seu cozimento



Ponta de abóbora e urtigão

Coleta-se os brotos mais novos e soca-se no pilão. Após estarem bem socados, deverão ser levados para cozimento por um tempo longo, entre duas a três horas. Depois de cozidos, tempera-se com banha. Pode se acrescentar torresmo para ficar mais saboroso.



Socando os brotos no pilão

Para a elaboração do bolo de farinha de trigo ou farinha de milho assado na cinza ou na chapa do fogão, os ingredientes necessários são farinha de trigo, sal, um pouco de açúcar, fermento (se preferir), folha de bananeira (para assar na cinza).

Coloca-se todos os ingredientes numa bacia e se misturam. Pronta a massa, deve-se deixar bem achatada para facilitar que fique bem assada. É necessário lavar a folha da bananeira para abri-la no fogo de chão e colocar a massa (o bolo) sobre ela. Cobre-se com cinza e brasas. Cuidar sempre para não queimar. O tempo no fogo é de até meia hora.



Para a elaboração do bolo de milho ralado, há que se colher o milho num cesto e tirar as palhas e os cabelos da espiga. Feito isso, rala-se as espigas na bacia. Se quiser, pode colocar uma pitada de sal. Pode assá-lo da mesma forma que o bolo de farinha de trigo.

Para a elaboração do *pisé* (pixé) de milho, os ingredientes são milho e cinza, e o modo de fazer, o seguinte: Debulhar o milho seco; em seguida, levar ao fogo numa panela os grãos de milho para serem torrados. Depois de bem torrados, derramar em um recipiente e socar no pilão até formar o pó de milho. A sobra, ou seja, o que não virou pó, pode ser consumido como canjiquinha.

Para a elaboração da canjica caseira, os ingredientes são: milho seco, cinza e água morna. O modo de fazer é o seguinte: seleciona-se o milho seco; debulha-se num recipiente e soca-se no pilão. Mistura-se a cinza e a água morna. É necessário cuidar para não exagerar nem na cinza nem na água: o milho não pode ficar muito molhado, pois isso dificulta o processo de saída da casca do grão do milho. Feito esse processo, deve ser peneirado o milho para separar a parte suja.





CONTOS,
CRENÇAS
E LENDAS
KAIINGANG

CONTOS, CRENÇAS E LENDAS KAINGANG

Contos e crenças eram repassados para as crianças ao redor do fogo, antes de dormir ou até mesmo no momento em que acontecia o chamado para a morte pelo preá, pelo gavião, pela cúria. O anúncio do casamento era feito pelo cantar do galo antes da meia noite. Fartura da colheita, seca, chuva, enchente: todos os pássaros e bichos do mato eram responsáveis pelas anunciações. Essas crenças estão cada vez mais no esquecimento do Kaingang, mas podemos mudar esse rumo e fazer com que não sejam apenas mais uma história contada pelos mais velhos, repassando-as para as crianças, para que elas as repassem para as futuras gerações.



Os animais são responsáveis por anunciações

Armiqa Corja

itad.



Escola Indígena de Ensino Fundamental Cacique Pirã



Orientador: Adroaldo Antonio Fidelis.

Equipe de professores: Geziane dos Santos, Cristiane Noeli Pinheiro Lemes e Daniel Cadete.

Público alvo: Alunos de 1° ao 5° anos.

Justificativa: O ensino e resgate dos contos e crenças Kaingang oportunizam que as crianças indígenas possam valorizar e dar sequência a nossas crenças e tradições Kaingang, pois com as inúmeras interferências que influenciam as crianças e a juventude indígena, o mais valioso que a natureza nos oferece passa a ser mais desvalorizado a cada dia.

Objetivos:

- ✓ Propiciar ao aluno indígena momentos de aprendizagem nos quais ele possa identificar e entender o meio onde vive, a fim dele conhecer e valorizar o que de mais valioso a natureza nos oferece.
- ✓ Despertar o interesse em identificar os diferentes cantos de pássaros e choros de animais.
- ✓ Interpretar cantos de pássaros e choro de animais, levando ao entendimento do aluno a localização de onde está o animal, de onde veio e para onde vai.
- ✓ Resgatar e reforçar a identidade cultural, além de valorizar os mais velhos. Considerando a contribuição que nossos verdadeiros mestres e sábios têm nos propiciado, é fundamental que nossos alunos valorizem e tenham muito respeito com essas pessoas que, ao longo de suas vidas, tem contribuído para o ser indígena.

Conteúdo: Os cantos das aves jór, saracura, sabiá, galo, gavião, anu preto, saci, coruja. Choro de animais como preá e gato do mato.

Metodologia: O projeto foi desenvolvido com alunos de 1° ao 5° anos e, sempre que possível, unindo as turmas em um só espaço, para facilitar a palestra dos anciãos que contribuíram com o projeto. Além disso, foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- ✓ Escrita de pequenos textos/relatos sobre o entendimento e a importância dada à fala dos anciãos.
- ✓ Visitas a pessoas mais velhas da comunidade, colhendo seus relatos de contos e crenças, para compartilhamento com a turma.
- ✓ Rodas de conversa com os anciãos a partir das quais os alunos perceberam a importância dos mais velhos em seu cotidiano e no ambiente escolar.
- ✓ Encenação e narrativa em forma de teatro.
- ✓ Entrevistas com os mais sábios da comunidade.
- ✓ Produção de texto a partir dos relatos de contos e crenças.
- ✓ História em quadrinhos.
- ✓ Produção de cartilha educativa envolvendo os contos e crenças Kaingang.
- ✓ Confecção de vestes Kaingang, para a encenação e narrativa dos contos e crenças Kaingang.
- ✓ Localização e identificação dos chamados/cantos de animais e pássaros.
- ✓ Biografia dos anciãos.
- ✓ Histórico da comunidade.
- ✓ Histórico da escola.



Alunos trabalhando em sala de aula

Relatos e textos para encenação produzidos sobre crenças e contos Kaingang:

ENCENAÇÃO

Narrador — Olá, preste muita atenção neste momento, vou lhe contar um segredo que minha avó contou à mamãe e ontem a mamãe me falou. É algo muito importante que todos devemos saber e guardar para toda a vida. É um ensinamento de muita sabedoria: uma crença que fala de pássaros.

[Sonorizar o canto de cada pássaro na medida em que forem intervindo na encenação]

Narrador — Vocês ouviram isso? Parece que estão fazendo festa! Que algazarra é essa?

Saracura — [canto] Olá, o meu cântico é para anunciar que logo logo vai chover!

Narrador — Que legal! Você faz a previsão do tempo, então? Pessoal, prestem muita atenção quando ouvirem o canto da saracura!

Sabiá — [canto] Oi, meu nome é sabiá. O meu canto avisa que o frio se foi e está na hora de plantar!

Narrador — Ei, vocês aí, estão prestando atenção no que os pássaros estão anunciando? É algo muito importante, que nós já estamos esquecendo... Nossas crianças nem ao menos sabem o quanto é significativo esse conhecimento na nossa cultura. Devemos acreditar e valorizar esses saberes. Nos dias de hoje há outras formas, como

através das novas tecnologias, da previsão do tempo, da televisão ou mesmo do rádio, mas nossos mais velhos previam o amanhã com ajuda dos animais.

Anu preto — [canto] Olá, sou o anu preto. Quando cantamos em bando estamos agourando! Algo de ruim vai acontecer na aldeia! Tomem muito cuidado!!!

Galo — [canto] Oi, sou o galo, quando eu canto à noite, aviso que uma moça da aldeia vai fugir de casa... vai se casar!!!

Saci — [canto] Olá, sou o pássaro saci, quando eu canto, anuncio muita seca... se você plantar não vai colher!!!

Preá — [choro] Olá, sou o preá... quando eu choro anuncio que um parente seu que mora lá bem longe vai falecer!!!

Narrador — Cantos leves, breves e suaves dos pássaros ecoam no ar nos avisando que o bem ou o mal para a aldeia está por vir. Repassados de geração em geração, temos o orgulho de estar contando esses ensinamentos a vocês, pois já os aprendemos com nossos velhos.

HISTÓRIA CONTADA POR MARIA GERCI ALVES DE OLIVEIRA SANTOS: A FORMIGA CORTADEIRA

Amanheceu um dia gelado e uma formiga estava indo trabalhar, mas no caminho começou a se congelar. A formiga falou: “Dona Geadá, por que você é tão forte que chega a congelar meus pés? Ai, não posso ir trabalhar.”. “Sou forte sim — respondeu a geadá —, mas tem alguém mais forte do que eu! É o senhor Sol, pois ele é muito quente e chega a me derreter.”

A formiga resolveu ir falar com o senhor Sol: “Senhor Sol, por que você é tão quente? Chegando a derreter a geadá, a geadá me congela e não me deixa ir trabalhar.” O senhor Sol, muito sorridente, disse: “Sim, sou muito forte e quente, mas tem alguém que é ainda mais forte do que eu. Bom, na verdade existem vários alguéns. Estou falando das nuvens. São muitas, me escondem e eu não posso fazer nada.”

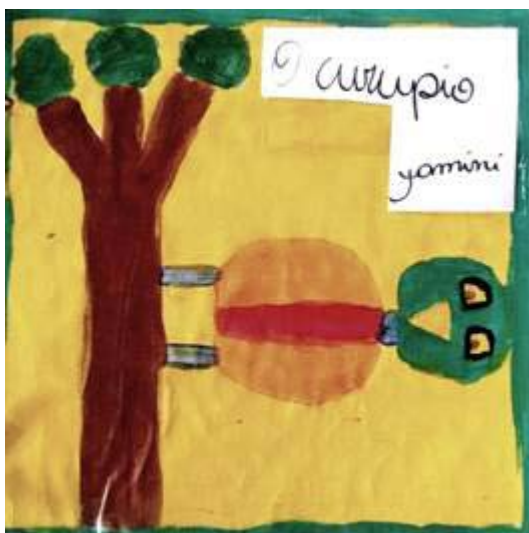
A formiga logo foi falar com as nuvens: “Dona Nuvem por que a senhora é tão forte? Encobre o sol, que derrete a geadá, a geadá me

congela e não me deixa ir trabalhar.” “Sim, sou forte! — respondeu a nuvem — mas tem alguém ainda mais forte do que todas nós juntas. Estou falando do vento. Pois ele vem e nos empurra para todos os lados.”

Então a formiguinha foi falar com o senhor Vento: “Senhor Vento, por que você empurra as nuvens, que encobrem o sol? O sol que derrete a geada, a geada que me congela e não me deixa ir trabalhar.” “Sou sim! Muito forte! Mas tem alguém mais forte do que eu”, respondeu o vento. “E quem é?”, perguntou, ansiosa, a formiga. “São as paredes — disse o vento —, pois eu vou a qualquer lugar, mas se tiver uma parede eu não consigo entrar.” “Então vou falar com as paredes agora mesmo”, exclamou a formiga.

“Dona Parede, por que você é tão forte? Pois fica diante do vento, que empurra as nuvens, que encobrem o senhor Sol, que derrete a dona Geada que me congela e não me deixa ir trabalhar”. Aí a parede falou assim: “Não é que eu seja forte, eu somente protejo as pessoas, pois comigo as pessoas constroem as suas casas. As casas abrigam famílias do vento forte, do sol, das chuvas e do frio. Por isso, sou muito importante para as famílias.”

CONTO SOBRE O CURUPIRA



Certo dia, um Curupira gritou no mato. Um casal de índios escutou esse grito. O marido o imitou. O Curupira veio gritando, gritando, gritando.

Chegando bem próximo da oca, o Curupira tentou matar o índio. Mas, como o Curupira não consegue correr nem nadar, pois tem os pés virados para trás, o índio correu e mergulhou em um rio que tinha próximo de sua casa, escapando do Curupira.

Assim, o Curupira voltou e ficou com a mulher do índio. O Curupira levou a índia para uma caverna, cuja porta era feita de pedra. O Curupira trancava a índia todos os dias quando ia caçar.

Ao retornar, perguntava se a índia estava gostando dali. Ela dizia que sim, mas que precisava de vestes. Foi então que ele a convidou para irem juntos atrás de matérias para fazerem suas vestes. Com o tempo, o Curupira percebia que a índia estava se acostumando ali.

Certo dia, quando o Curupira estava saindo para caçar, a índia pediu para ele deixar a porta aberta, pois precisava sair para confeccionar as vestes. O Curupira disse: “Você não vai fugir? Pois se você fugir vou atrás de você onde quer que esteja. E farei de você comida para mim!” “Sim, não se preocupe — respondeu a índia —, jamais fugirei.”

Porém, ao ver o Curupira descendo a montanha, ela foi até o rio e o atravessou nadando, a fim de encontrar seu marido, que tinha ficado todos esses anos do outro lado do rio, observando-a.

Ao chegar da caçada, o Curupira chorou desesperadamente. Foi atrás da índia, mas, como não podia nadar, deu a volta ao rio, desceu pela cabeceira e foi até a oca onde o casal indígena estava. Quando os indígenas perceberam que o Curupira se aproximava, entraram no rio e conseguiram fugir.

Ali juntos viveram felizes para sempre.

O GALO E A MOÇA

AUTORA:

Eduarda Zambra - 4º ano

Certo dia, em uma fazenda de um pobre fazendeiro, um galo põe-se a cantar.

Na época todos achavam estranho, pois eram altas horas da noite.

Esse fazendeiro tinha uma filha bem bonita. Então já foi se preocupando, pois eles cultivavam a crença de que quando um galo canta à noite está anunciando a união de um casal.

Não estava errado, pois sua filha tinha planos mesmo, iria fugir de casa com o filho de um vizinho da fazenda, começando então logo

a fazer planos de como fugir.

Pensava ela: Vou fugir, vou fugir, vou fugir!

Já às dez da noite, resolve mesmo fugir.

Quando ia saindo, o galo cantou.

O pai da moça levanta-se da cama rapidamente, mas a moça é ainda mais rápida, aproveita e foge.

A moça se casa com o filho do vizinho, mas logo volta a morar com os pais dela.

Assim vivem felizes até hoje.

O CIRCO NA CIDADE

AUTORA:

Andressa Bonfim - 5º ano

Na cidade, o circo Astral chegou!

Naquela noite o Tico-Tico cantou na janela da Gabriela.

Gabriela era uma moça que estava grávida já de quase nove meses.

Sua mãe ouviu e alertou-a.

— Gabi, dizem que quando o tico-tico canta à noite, ele está anunciando a chegada de um bebê. Se cuida que você não poderá andar mais tanto por aí.

Gabi não acreditou e foi para o circo.

Chegando lá Gabi adorou tudo... estava muito divertido!!!

Criança correndo, brinquedos, luzes, palhaço fazendo palhaçada, uma maravilha.

Mas no caminho para casa Gabi sentiu algumas dores fortes na barriga.

Ao chegar em casa contou para a sua mãe, que foi logo tratando de arrumar condições de Gabi ir para o hospital São Roque.

Ao chegar no hospital, Gabi anuncia que está ganhando o bebê.
Gabi entra em trabalho de parto logo que chega.
Nasceu uma linda menina que se chama Jaqueline.
Hoje Jaqueline sempre vai ao circo com sua mãe Gabi.

O AGOURO DA GALINHA

AUTORA:

Sybely Toto Veiga Cavalheiro - 5º ano

Em uma manhã, um índio chamado Pedro estava arrumando a grande casa para fazer o seu casamento que aconteceria no sábado.

Quando terminou já era noite.

Então foi para casa comer e dormir, pois deveria estar bem lindo e descansado para o seu casamento no outro dia.

No dia seguinte falou com sua namorada:

— Priscila, ontem eu estava dormindo quando ouvi uma galinha cantar, isso altas horas da noite, mas nem liguei, virei e dormi novamente.

Priscila falou para Pedro:

— Dizem que quando a galinha canta à noite é um aviso de agouro ruim, pois estão em perigo você e sua família.

Pedro nem ligou tanto.

Priscila foi se arrumar para o casamento, juntamente com sua sogra.

Falando com sua sogra sobre o acontecido, ela lhe diz:

— Eu sempre falo isso para ele, mas ele me responde que sabe se cuidar.

No dia do casamento uma chuva muito forte começa a cair, com trovões, raios, tudo muito forte, estragando toda a festa de casamento.

Pedro, nervoso, pega seu carro e sai.

No caminho toca o celular, ele solta o volante e atende.

Acontece então um grave acidente. Pedro bate em um poste, quebra a perna e fica um pouco machucado.

Com isso, marcam uma nova data para o casamento. Pedro, mesmo um pouco manco, casou-se com Priscila com a perna quebrada.

O SABIÁ E SEU CANTO

AUTORES:

Wellington Adriano Rodrigues Chagas, Bruno Gãr Tánh da Silva Dias e Etilvânia Paula Nobre - 2º ano

Um dia ao amanhecer, o senhor José ouve um canto de sabiá e fica logo contente.

— Meu filho corre aqui ouvir.

— O que foi? Perguntou seu filho.

— Ouve o sabiá cantando, ele está avisando que não vai mais dar frio!

O menino disse ao pai:

— Que bom!

— Vamos começar a roçar, pois se não vai dar frio, podemos iniciar o plantio logo logo.

Então começaram a preparar a terra para o plantio de milho, feijão, mandioca, batata-doce e amendoim.

1 ANIMAIS ORIENTOS

1. Pássaro que avisa o Bem e o Mal antigamente os índios acreditavam muito nos animais até hoje

2. gongador avisa para pessoa que alguém vai morrer da família.

3 - A loruda chamada pelo índio sandalha. Segundo o povo kanthas conta a história que quando essa sandalha passa cantando fazendo um barulho como se estivesse cortando tecido como uma teçoura quando por cima da casa, vai falecer gente daquela comunidade. Então essa sandalha está avisando essa família que vai falecer gente.

4- GATO DO MATO

Contam mais velhos que antigamente que quando era para alguém da aldeia morrer o gato do mato gritava. Os índios distinguiam porque como existem muitos rios na aldeia sabiam que se fosse alguém do lado de cima do rio o gato passaria gritando pela margem de cima do rio. E se fosse um índio que morasse na parte de baixo do rio, o gato passaria gritando na margem de baixo do rio.

PEDRO E A PLANTAÇÃO

AUTOR:

Michael Junior F. da Silva - 4º ano

Certo dia meu pai e seu amigo estavam conversando.

Foi aí que o pássaro saci começou a cantar.

Então seu amigo falou:

— Quando o pássaro saci canta é sinal de seca. Se você planta, não vai ter boa colheita.

— Será? Exclamou meu pai.

Meu pai, sem acreditar muito nessas crenças, foi preparar a terra para o plantio. Preparou a terra para plantar milho, feijão e arroz.

Dias depois...

O sol cada vez mais quente, quente, quente...

A plantação de meu pai logo que nasceu não aguentou muito tempo, pois sem chuva é claro que não aguentaria e então veio a morrer toda a plantação.

Meu pai lembrou o que seu amigo tinha dito e exclamou:

— Meu Deus, se eu estivesse escutado o meu amigo, não tinha perdido toda a minha plantação.

A SARACURA E O MENINO

Certo dia, um menino da cidade foi passear na casa de sua tia lá no interior. O menino ficou admirado com tanta beleza que ali existia. Saiu para passear e ver como o lugar era. “Nossa, que lugar lindo!”, disse o menino.

Logo em frente a um taquaral, ouviu uns pássaros cantando. Voltou para a casa e contou para a sua tia: “Tia, ouvi uns pássaros cantando. Eles estavam dizendo: ‘quebrou três pratos, sobrou só um’”. Então sua tia lhe explicou: “É a saracura, meu filho. Ela está chamando chuva. Logo, logo vai chover.”

PEDRO E A PLANTAÇÃO

Era uma vez uma menina que vivia em uma comunidade tranquila e pequena. Seu nome era Alice. Ela era forte e muito querida por todos. Um dia, ao amanhecer, ela levantou bem cedo para ir à escola, arrumou-se e saiu.

Próximo da casa de Alice tinha um montão de pássaros pretos. Esses pássaros começaram a fazer muito barulho. Alice olhou, mas seguiu em frente muito feliz. Os pássaros continuaram a cantar atrás dela.

Alice chegou na escola e contou para as suas colegas o que tinha acontecido. “Meninas, hoje cedo, quando saí de casa, tinha um bando de pássaros cantando, fazendo um barulhão.” “Mas como eles eram?”, perguntou uma de suas amigas. Alice respondeu: “eram pretos e pequenos, mas bem barulhentos!”

Ao voltar para casa, Alice contou à mãe o que tinha acontecido na manhã ao sair de casa. A mãe de Alice arrepiou-se ao ouvir e então explicou para Alice o que era aquilo: “Alice, esses pássaros se chamam anus e são conhecidos por agourar dores. Adivinham ou anunciam que algo ruim vai acontecer com a família.” Alice não acreditou no que sua mãe falou.

Ao entardecer, a mãe de Alice mandou a menina ir até a casa da avó, pegar um presente. Alice foi de bicicleta toda feliz. No caminho, encontrou novamente aqueles pássaros. Logo um pouco mais à frente algo aconteceu com Alice: “Ai meu pé!”, exclamou Alice. A menina sofreu uma queda de bicicleta e quebrou o pé. Chorou muito, pois a dor era tanta que Alice nem caminhar conseguia. Não foi por falta de aviso, pois a mãe de Alice tinha lhe falado, mas a menina não acreditou!

Contos e ilustrações produzidas pelos alunos:

Antara Francilli Kriz Nigofarallies

AMENINA

ALICE



1

Fera uma vez uma menina
que vivia em uma comuni-
dade tranquila e pequena.
seu nome era Alicia ela era
forte e muito querida por
todos. Um dia quando se
amancheter, ela levantou bem
cedo para ir a escola, arruma-
se e saiu.



Mas próximo a casa de Alice
um monte de pássaros
pretos e pequenos fazendo muito
barulho, Alicia olhou e seguiu
em frente feliz e os pássaros
continuaram cantando atrás
dela.



Alicia foi a escola e
cantou para sua colega
o que tinha acontecido com
ela ao sair da casa.



(1)

- meninas hoje cedo quando
sai de casa tinha um bando
de passarinhos cantando,
fazendo barulhão.



(2)

-mas como eles eram?
perguntou uma de suas
colegas



(3)

-Putos pequenos e
barulhentos - respondeu
Alicia.



(4)

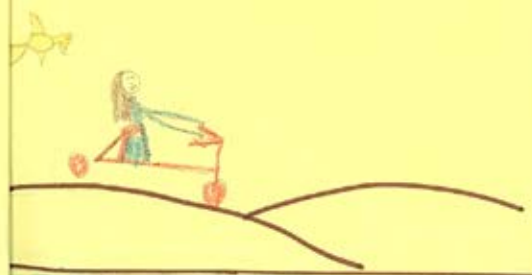
-to saltar para casa Alicia
contou a sua mãe o que
tinha visto logo cedo,
sua mãe se arrepian explicou
a ela.



⑨
 Alicia estes pássaros
 se chamam anjos, e são
 chamadas por estarem
 adrinhando, anunciando
 algo de ruim que vai acontecer
 com a família. Alicia não
 acreditou no que sua mãe
 havia lhe falado.



⑩
 Ao entardecer sua mãe mandou
 lhe a casa de sua avó para
 pegar o seu presente, Alicia foi
 toda feliz de bicicleta, no
 caminho encontrou novamente
 aqueles pássaros fazendo
 barulho e logo a frente algo
 aconteceu com Alicia.



⑪
 — Ai meu pé! está doendo
 muito, está quebradoooooo!
 Ela chorava muito.



⑫
 — Alicia sofreu um acidente
 com sua bicicleta sua mãe tinha
 avisado mas ela não tinha
 obedecido



— ANO Preto + ANUNCIA



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria de Estado da Educação

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE
**EDUCAÇÃO CONTINUADA,
ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

